



FACULDADE CALAFIORI

**APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM QUATRO
ANOS: A EDUCAÇÃO INFORMAL E FORMAL E A
IMPORTÂNCIA DO LÚDICO**

**AUTORAS: FERNANDA APARECIDA DE SOUZA AMÉRICO
VILMA GOMES SOARES**

ORIENTADORA: Prof. Esp. ADRIANA REGINA SILVA LEITE

São Sebastião do Paraíso – MG

2012

**APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM QUATRO
ANOS: A EDUCAÇÃO INFORMAL E FORMAL E A
IMPORTÂNCIA DO LÚDICO**

**AUTORAS: FERNANDA APARECIDA DE SOUZA AMÉRICO
VILMA GOMES SOARES**

Monografia apresentada à Faculdade Calafiori, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciadas em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Esp. Adriana Regina Silva Leite

São Sebastião do Paraíso – MG

2012

**APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM QUATRO ANOS: A
EDUCAÇÃO INFORMAL E FORMAL E A IMPORTÂNCIA DO
LÚDICO**

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

AVALIAÇÃO: _____

Professor Orientador

Professor Avaliador da Banca

Professor Avaliador da Banca

São Sebastião do Paraíso – MG

2012

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho a professora Adriana Regina Silva Leite primeiro, por ter aceitado nosso convite para nos orientar e segundo por nos apoiar, pela sua paciência de nos explicar os textos não entendidos e citar autores que falavam do nosso tema, por nos levantar nosso astral para que o nosso trabalho pudesse ser bem elaborado. Agradecemos professora Adriana por essa força.

Eu Fernanda dedico aos meus pais Benedito e Elizabeth por me darem força em terminar meus estudos, por terem a paciência e também por me ajudar a realizar o meu sonho, meus pais merecem o dobro de tudo o que fizeram por mim, porque se não fosse eles não estaria neste mundo, eles são minha vida. Amo vocês.

Dedico este trabalho ao meu avô/padrinho materno *in memoriam* Joaquim Salvador de Souza, avô como te queria aqui perto de mim, mas sei que ai do céu o senhor esta feliz por mim, te agradeço também avô pela a educação que o senhor deu para minha mãe Elizabeth e ela passou para seus três netos: Wellington, Douglas e eu. Fique com Deus e minha benção avô, saudades.

Eu Vilma dedico aos meus pais José Clemente *in memoriam* e Maria Anisia por me darem força em terminar meus estudos, por terem a paciência e também em me ajudar a realizar o meu sonho, meus pais merecem o dobro de tudo o que fizeram por mim, porque se não fosse eles não estaria neste mundo, eles são minha vida. Amo vocês.

Dedico este trabalho ao meu esposo Thiago, por estar perto de mim e me ajudar nas horas tristes e alegres. Obrigado por estar comigo, você é muito importante em minha vida. Amo você.

AGRADECIMENTOS

Eu Fernanda agradeço primeiramente a Deus por me dar esse dom de ser pedagoga, e abençoar meus pais para que eles pudessem me ajudar a realizar este sonho.

Agradeço também a todos os meus professores do curso de pedagogia, pelos conhecimentos que com dedicação e transmitir para nós e por compartilhar conosco suas experiências vivenciadas dentro das escolas nas quais trabalharam.

Agradeço também ao doutor Márcio, Gisele, e a diretora Angelita da faculdade Calafiori, por terem trazido para nossa cidade de São Sebastião do Paraíso o curso de pedagogia e pela paciência e força com a minha turma.

Agradeço a minha colega Vilma Gomes Soares pela parceria neste trabalho.

Eu Vilma agradeço primeiramente a Deus em me dar esse dom de ser pedagoga, e abençoar meus pais para que eles pudessem me ajudar a realizar este sonho.

Agradeço também a todos os meus professores do curso de pedagogia, pelos conhecimentos que com dedicação e transmitir para nós e por compartilhar conosco suas experiências vivenciadas dentro das escolas nas quais trabalharam.

Agradeço a minha colega Fernanda Aparecida de Souza Américo pela parceria neste trabalho.

“Ninguém escapa da educação.

Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação, ou seja, a educação está em todo momento do nosso cotidiano”.

(BRANDÃO, 1995, p. 7)

SUMÁRIO

RESUMO

INTRODUÇÃO.....	9
-----------------	---

1 - O PROCESSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO

1.1 Conceito da educação.....	11
1.2 Educação informal: família.....	12
1.3 A educação escolar e a educação fora da escola: relações entre saber e poder.....	14
1.3.1 O processo histórico da Educação Infantil e uma reflexão contemporânea.....	14
1.3.2 Fundamentações legais que moldam a educação infantil contemporânea.....	16

2 - AS FACES DO DESENVOLVIMENTO HUMANO SEGUNDO PIAGET, A APRENDIZAGEM E A SOCIALIZAÇÃO

2.1 Desenvolvimento humano segundo Piaget.....	19
2.1.1 O período sensório-motor: o recém-nascido e o lactante – 0 á 2 anos.....	20
2.1.2 Primeira infância: período pré-operatório – 2 á 7 anos.....	22
2.1.3 A infância propriamente dita: período das operações concretas – 7 á 11 anos.....	24
2.1.4 Período das operações formais: adolescência – 11 aos 12 anos em diante.....	26
2.2 A cognição e aprendizagem.....	27
2.3 O desenvolvimento sócio-afetivo e suas implicações na aprendizagem.....	29

3 - A EDUCAÇÃO INFANTIL E O ATO DE EDUCAR CRIANÇAS DE QUATRO ANOS ATRAVÉS DO LÚDICO

3.1 Fundamentações histórica da pedagogia lúdica.....	33
---	----

3.2 A função pedagógica do lúdico.....	36
3.3 O lúdico no período pré-operacional.....	37
3.4 Brincar, brincadeiras e os jogos no desenvolvimento e na formação da criança.....	38
3.5 Atividades lúdicas aliadas á prática educativa e a visão trabalho jogo.....	40
3.5.1 Desenvolvimento motor: a importância do movimento na pré-escola.....	42
3.5.2 A relação existente entre psicomotricidade e a aprendizagem.....	44
3.6 O educador e o lúdico e a importância da intervenção pedagógica.....	46
CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	52

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo aprofundar os conhecimentos sobre a importância do lúdico na educação infantil e a influência da educação informal nesse processo. E de forma específica: pesquisar o processo histórico da educação e a importância entre a educação formal e informal na formação da criança; compreender o processo histórico da educação infantil até os dias atuais; verificar, segundo Piaget, as fases de desenvolvimento pelas quais passam as crianças da educação infantil; pesquisar o processo e a importância do lúdico na educação infantil e práticas pedagógicas que propõem situações que estimulem as crianças a serem construtoras do seu próprio conhecimento e autonomia; A pesquisa se justifica pela necessidade de aprofundar os estudos voltados a esse tema que é atual e objetiva mudanças significativas na educação infantil. Sendo essa modalidade escolar base fundamental para o desenvolvimento acadêmico dos pequenos alunos. Aos quatro anos as crianças possuem particularidades em seu aprendizado, oferecendo uma educação contextualizada e dinâmica que busque através do prazer, a participação dos educandos na construção de seus conhecimentos. A ludicidade na educação infantil também é uma forma de educar, ao brincar o educador ensina a criança a ter sua independência, valoriza a cultura popular, desenvolve habilidades motoras, exercita a imaginação, a criatividade e aprimora a inteligência emocional. O trabalho foi produzido por meio de levantamento bibliográfico dentre eles Almeida, Kishimoto e Aranha. Conclui-se que a criança na educação infantil, pode se educar através do lúdico. E que é muito importante a família no desenvolvimento da criança.

Palavras-Chave: Educação informal e formal. Fases do desenvolvimento. Educação infantil. Lúdico.

INTRODUÇÃO

Toda criança aprende imitando os adultos. A primeira educação é dada pela família, portanto, ela é muito importante na vida da criança, é com a família que vai aprender a se socializar e conhecer o mundo no qual vive. A educação infantil veio como auxílio para as famílias fazendo o segundo papel de cuidar e educar a criança.

Afinal a criança precisa aprender cuidar do seu corpo, desenvolver habilidades motoras e afetivas. Necessita ser educada para interagir com os outros indivíduos para ter sua própria autonomia. A educação infantil vai oferecer todo esse cuidado e educando a criança de forma lúdica, porque brincando a criança aprende a ter conhecimentos.

O desenvolvimento humano inicia se mesmo antes da criança nascer. E quando nasce ela passa por vários períodos de transformações e crescimento, tendo um pleno contato com o mundo dos símbolos e objetos. Sendo assim cada idade por qual a criança passa ela tem cada vez mais novos progressos, aprendendo e conhecendo o mundo em que pertence.

Indagamos algumas questões que problematiza o assunto desse tema: Como ocorreu o procedimento histórico da educação em sociedade? Como ocorre o processo da educação dos quatro anos na educação infantil? Qual a diferença entre educação formal e informal? Por que educar de maneira formal, já na educação infantil? Por que a família é importante na vida da criança? E o educador? Como ocorre o lúdico? Porque ele é fundamental na educação infantil?

A pesquisa se justifica pela necessidade de aprofundar os estudos voltados a esse tema que é atual e objetiva mudanças significativas na educação infantil. Sendo essa modalidade escolar base fundamental para o desenvolvimento acadêmico dos pequenos alunos. Mediante a isto temos como objetivo geral aprofundar os conhecimentos sobre a importância do lúdico na educação infantil e a influência da educação informal nesse processo. E de forma específica: pesquisar o processo histórico da educação e a importância entre a educação

formal e informal no desenvolvimento da criança; compreender o processo histórico da educação infantil até os dias atuais; verificar, segundo Piaget, as fases de desenvolvimento pelas quais passam as crianças da educação infantil; pesquisar o processo e a importância do lúdico na educação infantil e práticas pedagógicas que propõem situações que estimulem as crianças a serem construtoras do seu próprio conhecimento e autonomia;

A fim de atingir os objetivos proposto foi utilizada para realização desta pesquisa e revisão bibliográfica, fazendo uso de livros, Leis e documentos da internet que discutem esse assunto.

E diante do tema proposto serão apresentados os seguintes capítulos:

O capítulo 1 - vai tratar do processo histórico da educação, a educação informal recebida pela família, relações entre a educação escolar e o uso da mesma na sociedade, a história e os embasamentos legais da Educação Infantil no Brasil.

Já o capítulo 2 - abordará as fases do desenvolvimento humano, segundo Piaget, cognição e afeto no desenvolvimento da aprendizagem.

Abordaremos no capítulo 3 - o ato de educar através do lúdico as crianças com quatro anos da educação infantil.

1. PROCESSO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO

1.1 Conceito da educação

A educação é o fundamento inicial na vida do ser humano. É através dela que se dá a socialização. O homem é um ser histórico, suas ações e pensamentos mudam com o tempo e constrói sua cultura e a si próprio por meio de seu trabalho e interação social (ARANHA, 1996b, p.50). O primeiro âmbito onde recebe educação é na família; os costumes culturais são transmitidos às gerações em formação. A cultura assimilada pelo homem repercute em suas ações sociais e em seu meio de sobrevivência. De acordo Durkheim (1965) *apud* Aranha (1996b, p.166 -167), define a origem social da educação sendo:

A educação é ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objetivo suscitar e desenvolver, na criança certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio especial a que a criança particularmente, se destine.

Segundo Durkheim (1965) *apud* Aranha (1996b, p.166-167), “a educação satisfaz, antes de tudo, as necessidades sociais” e “toda educação consiste num esforço contínuo para impor à criança maneiras de ver, de sentir e de agir, as quais a criança não teria espontaneamente chegado”. A educação é o caminho da interação com determinadas situações vivenciadas dentro de uma sociedade desde bebê até a velhice.

A educação vem desde os povos primitivos, da qual, as crianças aprendiam com os adultos as atividades diárias para a vida adulta. Estes tinham paciência de ensinar aos mais novos os conhecimentos dos mitos ancestrais, a interação com outras pessoas, com o mundo e consigo mesmo (ARANHA, 1996a).

Com o surgimento da escola, a transmissão da herança cultural social fica a cargo dela e também fica explícito que a educação formalizada não substitui totalmente a educação

informal. “A educação não é uma simples transmissão da herança dos antepassados, mas o processo em que a gestação do novo rompe com o velho, pois as comunidades primitivas aceitavam mudanças” (ARANHA, 1996a, p. 50).

A educação e o poder não se separam, pois a educação não é um processo neutro, ela é comprometida com a economia e a política do tempo e “deve instrumentalizar o homem como um ser capaz de agir sobre o mundo e, ao mesmo tempo, compreender a ação exercida. A escola não é transmissora de um saber acabado e definitivo, não devendo separar teoria e prática, educação e vida”. (ARANHA, 1996a, p. 52).

A educação deve preparar o homem para socializar sobre o mundo, ao mesmo tempo entendendo o fato da educação fazer parte da sua vida. A escola cumpre sua missão, fazendo do educando um cidadão crítico. A escola ensina a teoria, já a prática em relação com a educação, o educando aprende com a vida, no momento em que estiver com outras pessoas (ARANHA, 1996a, p. 52).

Cirigliano (1972), *apud* Aranha (1996a, p. 52), contribui afirmando que “a educação não deve estar separada da vida nem é preparação para a vida, mas é vida mesma”.

Segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998a, p. 23), “a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis”. Os educadores na educação infantil têm este objetivo, ensinar o que é educação e para quê aprender sobre a educação.

1.2 Educação informal: família

Educação informal é o aprendizado que a criança tem como: repetições, comportamentos e hábitos.

O homem não possui aparelhamento instintivo como o dos animais, e por isso precisa ser socializado para sobreviver, o que é feito mediante a educação recebida das pessoas que a circundam, a partir dos modelos sociais do grupo a que pertence. De fato, desde que nasce, o homem é submetido a um intenso processo de aprendizagem, que não termina senão com a morte (ARANHA, 1996a, p. 56).

O autor cita que, o processo de socialização nunca acaba, estamos sempre socializando com os outros indivíduos. O comportamento da criança será modelado por meio de repetições, imitando os adultos, fazendo gestos com objetos (ARANHA, 1996a).

Há também transmissão dos comportamentos que passam por duas influências: as deliberadas, que são um determinado comportamento quando o pai ensina ao filho respeito ao próximo; ou acidentais, quando os pais que ensinam o valor da atenção e da amizade, depois fazem o errado, ensinando valores negativos aos seus filhos (ARANHA, 1996a).

Cada família tem sua maneira de ensinar seu filho, pois muda de acordo com as diferentes relações estabelecidas pelo homem. Há dois conceitos: a família nuclear conjugal exercida por pai, mãe e filhos; e a família extensa exercida por mais membros incluindo noras e netos (ARANHA, 1996a).

Na Idade Média, continua esse conceito da família extensa a criança fazia parte do mundo adulto: vestimentas iguais, jogos, festas religiosas e até mesmo das conversas. Era normal, neste período, os nobres mandarem seus filhos aprenderem com outras famílias boas maneiras e prestarem serviços. Nas escolas existia a não-diferenciação, as crianças com dez anos estudavam juntos com os jovens, adultos e velhos. (ARANHA, 1996a).

No século XVIII, surgiu o quadro do universo familiar com os cuidados, conforto, higiene e bem estar das crianças. Os laços afetivos centralizaram com as preocupações da educação e saúde para seus filhos, eles não são mais herdeiros das propriedades paternas, mas indivíduos de carreira e futuro para zelar. (ARANHA, 1996a).

As transformações no núcleo formativo da família acompanham as modificações do espaço/tempo/histórico apresentando novas constituições familiares e novos problemas relacionados à educação transmitida aos filhos. A crise da instituição familiar, presente nos dias atuais, configuram desafios relacionados ao controle, a autoridade e a transmissão de valores. Em relação a isso temos a participação de Frankfurtianos Horkheimer e Adorno (1973, p.140) *apud* Aranha (1996a, p. 61):

A crise da família é de origem social e não é possível negá-la ou liquidá-la como simples sintoma de degeneração ou decadência. Pois, enquanto a família assegurou proteção e conforto aos seus membros, a autoridade familiar encontrou uma justificação.

Mediante esta crise, destaca-se a importância da família como sendo alicerce de aprendizagem no processo de socialização, educação e formação para o mundo. Assim, cita o ECA (Brasil, 1990, art.19, p. 4), a criança tem que ser criada e educada no seio de sua família. A educação dada pela família oferece o solo; é também papel da família ensinar a criança se conhecer, compreender e interagir.

1.3 A educação escolar e a educação fora da escola: relações entre saber e poder

Para que os seres humanos desenvolvam capacidades, precisam interagir com os outros indivíduos, isto é, passar pelo processo de socialização. O homem nasce e mantém viva a capacidade de aprender e ensinar, transmitindo, produzindo e modificando os conhecimentos e a cultura (KRUPPA, 1994).

A educação caminha em toda sociedade, não sendo de forma única, cada indivíduo tem sua maneira de passar a educação para as novas gerações, isso varia de acordo com as experiências exercidas pelos homens. E nesta determinada sociedade o homem criou instituições que transmitissem formas de educação e de saber: a escola. A existência da desigualdade cultural entre os homens apresentou-se transformando em poder o conhecimento, que mediante a ele exerceu domínio sobre os outros (KRUPPA, 1994).

Para a equilibração deste poder existe a educação escolar, que determina regras, mas tem a função de transmitir e criar conhecimentos contextualizados com os alunos. Por assim dizer, a criança na educação infantil é marcada por diversas práticas sócias em seu cotidiano, dentro e fora da escola. Ela adquire conhecimentos sobre a vida social, experiências e autonomia no grupo a qual pertence (KRUPPA, 1994).

1.3.1 O processo histórico da Educação infantil no Brasil e uma reflexão atual

A Educação infantil pode-se dizer é a segunda etapa em que, a criança recebe a educação, o cuidado e o afeto por outros adultos e exercita sua capacidade motora e cognitiva. Mas referente ao estudo, a educação infantil é a primeira etapa para o ensino sistematizado.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Brasil, 1998a, p.11):

A expansão da educação infantil no Brasil e no mundo tem ocorrido de forma crescente nas últimas décadas acompanhando a intensificação da urbanização, a participação da mulher no mercado de trabalho e as mudanças na organização e estrutura das famílias.

Em Política Nacional de Educação Infantil (Brasil, 2006, p. 8), ressalta que:

Na década de 1980, ocorreu uma expansão significativa na educação das crianças de zero a três anos. A pressão da demanda, a urgência do seu atendimento, a omissão da legislação educacional vigente, a difusão da ideologia da educação como compensação de carências e a insuficiência de recursos financeiros levaram as instituições de Educação Infantil a se expandirem “fora” dos sistemas de ensino. Difundiram-se “formas alternativas de atendimento” onde inexistiam critérios básicos relativos à infra-estrutura e à escolaridade das pessoas que lidavam diretamente com as crianças, em geral mulheres, sem formação específica, chamadas de crecheiras, pajens, babás, auxiliares.

Na Constituição Federal de 1988 o poder público definiu no seu artigo 227 dizendo que:

É dever da família, da sociedade e do estado oferecer á criança e ao adolescente: o direito á vida, á alimentação, á educação (p. 57).

A LDB (Brasil, 1996), argumenta em seu artigo nº 29 que a educação infantil é a primeira etapa para a educação básica, em outras palavras, é na educação infantil que a criança terá a primeira etapa da socialização, contato com a escrita e construção de sua autonomia. No art. 4 o estado com a educação escolar pública, define no inciso IV- que o atendimento é gratuito para creche e pré-escola as crianças menores de cinco anos. Os profissionais na educação infantil, segundo o art. 61, inciso 1, tem que ter concluído o magistério e a pedagogia.

Como a LDB (Brasil, 1996) é considerada responsável pela política pública relativa a educação nacional, o Ministério da Educação e do Desporto propôs como documento o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, em três volumes que trás para o profissional da área condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças brasileiras (BRASIL, 1998a).

O Referencial foi concebido de maneira a servir como um guia de reflexão de cunho educacional sobre objetivos, conteúdos e orientações didáticas para os profissionais que atuam diretamente com crianças de zero a seis anos, respeitando seus estilos pedagógicos e a diversidade cultural brasileira (BRASIL, 1998a).

O ECA (Brasil, 1990), é um documento de proteção a criança e ao adolescente, é um direito que eles tem se acaso sofrerem algum tipo de mau trato.

A educação infantil cresceu muito com as mudanças na sociedade e o número de matrículas tem aumentado bastante. Oferece para a criança dois processos importantes que a família, que necessita desse serviço, teria que oferecer aos filhos: educar e cuidar. O trabalho

pedagógico desenvolvido cria condições para as crianças se conhecerem, descobrirem e criarem novos sentimentos, valores, ideias, costumes e papéis sociais (BRASIL, 1998b).

A instituição deve criar um ambiente de acolhimento que proporcione segurança e confiança às crianças de quatro anos da educação infantil, garantindo assim oportunidades para que sejam capazes de:

Expressão, manifestação e controle progressivo de suas necessidades, desejos e sentimentos em situações cotidianas; Iniciativa para resolver pequenos problemas do cotidiano, pedindo ajuda se necessário; Identificação progressiva de algumas singularidades próprias e das pessoas com as quais convive no seu cotidiano em situações de interação; Participação em situações de brincadeira nas quais as crianças escolham os parceiros, os objetos, os temas, o espaço e as personagens; Participação de meninos e meninas igualmente em brincadeiras de futebol, casinha, pular corda; Valorização do diálogo como uma forma de lidar com os conflitos; Participação na realização de pequenas tarefas do cotidiano que envolvam ações de cooperação, solidariedade e ajuda na relação com os outros; Respeito às características pessoais relacionadas ao gênero, etnia, peso, estatura; Valorização da limpeza e aparência pessoal [...] (BRASIL, 1998b, p. 36-37).

1.3.2 Fundamentações legais que moldam a educação infantil contemporânea

Para que a educação infantil possa acompanhar o desenvolvimento infantil, o Ministério de Educação e do Desporto criaram um auxílio chamado subsídio para credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil. Com ele é planejado normas e diretrizes dentro do centro infantil, unindo-se com o Conselho Nacional, Estaduais e Municipais. Devido à educação infantil ter ficado reconhecida a Constituição Federal, a LDB e na ECA em seus artigos citaram o mesmo objetivo, o Estado tem que garantir atendimento para as crianças de zero a cinco anos, pois precisam da educação para conviver com a sociedade e aprenderem sem custo algum (BRASIL, 1998a).

A LDB (Brasil, 1996) por ser uma lei que rege normas, e a educação infantil está fazendo parte o âmbito nacional, estadual e municipal tem tarefa a serem cumpridas com nossas crianças (art. 89). As creches e pré-escola existentes e que estão por vir, desde a data de sua publicação, já tem que estar de acordo com o sistema de ensino, oferecendo as crianças um ensino de qualidade.

A legislação brasileira quanto à educação infantil destaca:

A creche e a pré-escola ao mesmo tempo constitui o direito da criança à educação e o direito da família acompanhar a educação do seu filho dentro da constituição; O estado tem o dever com a educação criar condições de atendimento e melhoria da qualidade para as crianças de 0 a 5 anos. O município tem a responsabilidade com recursos das instituições, com apoio financeiro e técnico das esferas federal e estadual; A creche e a pré-escola são lugares em que se realizam algumas tarefas e não apenas de assistência, uma das novas concepções da educação infantil se integra das funções de cuidar e educar. (BRASIL, 1998a, p.10).

De acordo com a LDB (Brasil, 1996, art. 29) a educação infantil é a primeira etapa da educação básica, por que é nela que a criança adquire seu desenvolvimento social, cognitivo, afetivo e motor. Dentro da educação infantil as crianças são divididas por faixa etária sendo: creche de zero a três anos e pré-escola de quatro a cinco anos.

É realizada também uma avaliação que o educador em seus registros, faz o acompanhamento individual de cada criança, para ver o desenvolvimento no decorrer do semestre e é feito uma reunião com os pais, que também tem por direito saber o que seu (a) filho (a) desenvolve na instituição (BRASIL, 1996, art. 31).

Segundo Campos (MEC, 2009, p. 13), a educação infantil tem alguns critérios para oferecer com os direitos que nossas crianças têm são eles:

Nossas crianças têm direito: à brincadeira, à atenção individual, a um ambiente aconchegante, seguro e estimulante, ao contato com a natureza, a higiene e à saúde, a uma alimentação sadia, a desenvolver sua curiosidade, a imaginação e capacidade de expressão, ao movimento em espaços amplos, à proteção, ao afeto e à amizade, a expressar seus sentimentos, a uma especial atenção durante seu, período de adaptação à creche, a desenvolver sua identidade cultural, racial e religiosa.

O educador na educação infantil tem que desenvolver competências, trabalhando com os cuidados básicos, as atividades de vida diária até os conhecimentos específicos, a identidade do “eu” e o convívio com o mundo. Essas competências adquirem-se buscando as informações com outros profissionais, pais e comunidades.

Para o desenvolvimento da criança da educação infantil, o educador tem que ter em mãos o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, que dá orientação aos educadores.

Aos quatro anos de idade, a criança vai desenvolver com cada um dos eixos as seguintes competências:

Competências por eixo temático
Linguagem: Com a linguagem oral vai ser utilizado para a criança conversar, brincar, comunicar e

expressar seus desejos, ideias, sentimentos e reconto de história e do cotidiano; com a linguagem escrita vai aprender a transcrever o nome.
Matemática: Reconhecer e valorizar os números, as operações numéricas, as contagens orais e as noções espaciais como ferramentas necessárias no seu cotidiano; ter confiança em suas próprias estratégias e na sua capacidade para lidar com situações matemáticas novas, utilizando seus conhecimentos prévios.
Movimento: Atos que exigem coordenação de vários segmentos motores e o ajuste a objetos específicos, como recortar, colar, encaixar pequenas peças. As brincadeiras que compõem o repertório infantil e que variam conforme a cultura regional apresenta-se como oportunidades privilegiadas para desenvolver habilidades no plano motor, como empinar pipas, jogar bolinhas de gude, atirar com estilingue, pular amarelinha.
Natureza e sociedade: Estabelecer algumas relações entre o meio ambiente e as formas de vida que ali se estabelecem, valorizando sua importância para a preservação das espécies e para a qualidade da vida humana.
Artes: Criação de desenhos, pinturas, colagens, modelagens a partir de seu próprio repertório e da utilização dos elementos da linguagem das Artes Visuais: ponto, linha, forma, cor, volume, espaço, textura. A criança desenvolve a coordenação motora das mãos tendo contato com diferentes materiais de textura e espessura.

Quadro 1: Competências por eixo temático

Fonte: Brasil, 1998c, p. 24-99-119-175-215

Mediante ao desenvolvimento social e legal destinado à Educação Infantil e o aprimoramento profissional que as Leis atuais exigem, faz-se necessário uma reflexão científica em relação às capacidades físicas, cognitivas e intelectuais dos educandos inseridos nesta discussão. Por isso, o próximo capítulo abordará apoiado nos estudos de Jean Piaget, as habilidades de cada fase do desenvolvimento dos indivíduos.

2. AS FASES DO DESENVOLVIMENTO HUMANO SEGUNDO PIAGET, A APRENDIZAGEM E A SOCIALIZAÇÃO

2.1. Desenvolvimento humano segundo Piaget

O desenvolvimento é um processo contínuo da inteligência e a aprendizagem é um longo caminho do indivíduo percorrerá durante seu crescimento físico. A partir do nascimento estabelece contato com o mundo através dos sentidos, explorando o ambiente conhecendo o espaço e entra em contato com objeto. A criança passa por todas as fases sendo que cada uma é complemento da outra; assim predominando seus movimentos, emoções, explorações, tendo um diálogo afetivo e representando suas conquistas. Segundo Bock et.al (1999, p.98):

O desenvolvimento humano refere - se ao desenvolvimento mental e o crescimento orgânico. O desenvolvimento mental é uma construção contínua, que se caracteriza pelo aparecimento gradativo de estruturas mentais. Estas são formas de organização da atividade mental que se vão aperfeiçoando e solidificando até o momento em que todas elas, estando plenamente desenvolvidas caracterizarão um estado de equilíbrio superior quanto aos aspectos da inteligência, vida afetiva e relações sociais.

A criança não é como um adulto, ela age de acordo com sua idade. Sendo assim, existem meios de perceber compreender e de comportar-se diante do mundo sobre cada faixa etária. Existe toda uma assimilação progressiva do ambiente, pois se implica na acomodação das estruturas mentais. Estudar o desenvolvimento humano significa conhecer as características comuns de uma faixa etária, permitindo reconhecer as individualidades, o que nos torna mais aptos para a observação e interpretação dos comportamentos (BOCK et. al, 1999).

No desenvolvimento temos que saber que cada indivíduo tem sua forma de entender e se comunicar, tendo atitudes e comportamentos diferentes. Desse modo, a criança passa por

todos os períodos desenvolvendo seus movimentos, inteligência, coordenações, relações e sentimento sendo que cada idade, ela vive novas experiências, desenvolve cada vez mais sua linguagem e aprendizagem.

De acordo com Bock et. al (1999), o desenvolvimento para Piaget no aspecto do físico-motor, trata-se do crescimento orgânico, a capacidade de manipular os objetos e exercitar o corpo humano.

Segundo Gallahue e Ozmun (2005, p.15) “O desenvolvimento em seu sentido mais puro refere-se a alterações no nível de funcionamento de um indivíduo ao longo do tempo [...]”.

Os adultos e as crianças fazem parte deste desenvolvimento; ele é amplo, é um processo permanente e essencial no plano da vida. É preciso que o responsável pela criança, desde o seu nascimento, identifique suas necessidades, estimule e cuide para que a criança possa desenvolver de maneira satisfatória. Segundo Gallahue e Ozmun (2005, p. 15) “o desenvolvimento refere-se ao que ocorre no organismo humano em sua jornada desde a concepção até a maturidade até a morte” trata-se de um [...] “processo contínuo, incluindo todas as dimensões inter-relacionadas de nossa existência.”

2.1.1 O período sensório motor: O recém-nascido e o lactente – 0 a 2 anos

Nesta fase, o bebê começa a criar o seu mundo, onde ocorre aos poucos os movimentos, reações e passa a conhecer as pessoas que vivem a sua volta. Este é o período mais importante do desenvolvimento da criança, pois começa todo um processo de construção das coordenações, ações e a capacidade de representar a cada mês que se passa no desenvolver da criança, é uma nova conquista. O recém nascido a vida mental reduz sobre o exercício dos aparelhos reflexores, de fundo hereditário, como a sucção. São os reflexos que melhoram com o treino. (BOCK et. al, 1999).

Segundo Bock et. al (1999, p.101-102):

No final do período, a criança é capaz de usar um instrumento como meio para atingir um objeto. Por exemplo, descobre que, se puxar a toalha, a lata de bolacha ficará mais perto dela. Neste caso, ela utiliza a inteligência prática ou sensório – motora, que envolve as percepções e os movimentos. Neste período, fica evidente que o desenvolvimento físico acelerado é o suporte para o aparecimento de novas habilidades. Isto é, o desenvolvimento ósseo, muscular e neurológico permite a emergência de novos comportamentos, como sentar-se, andar, o que propiciará um domínio maior do ambiente.

Nos dois primeiros anos de vida, a criança interage com o meio mostrando seus movimentos, a inteligência e o que é capaz. Este período é muito importante, pois a criança está no processo de aprender e construir. Aos poucos aparecem novas habilidades, aprende novos gestos com seu corpo. [...] “Piaget destaca que a principal conquista desse período é o desenvolvimento da noção de permanência de objeto. É nele também que a criança elabora o conjunto das subestruturas e intelectuais posteriores”. (PALANGANA, 2001, p. 24).

Segundo Bock et. al (1999, p.102):

Ao longo deste período ocorre na criança uma diferenciação progressiva entre o seu eu e o mundo exterior. Se no início o mundo era uma continuação do próprio corpo, os progressos da inteligência levam a situar – se como elemento entre outros no mundo. Isso permite que a criança por volta de 1 ano, admita que um objeto continue a existir, mesmo quando ela não o percebe, isto é o objeto não esta presente no seu campo visual, mas ela continua a procurar ou a pedir o brinquedo que perdeu porque sabe que ele continua a existir.

Pode-se entender que a criança já teve contato com o objeto, por isso ela sente falta e quer ele de volta, mesmo não o vendo, ela pede para pegar em suas mãos e brincar, ou seja, sabe que ele existe mais não sabe onde está.

No aspecto afetivo isso também acontece, à diferença é que o bebê passa das emoções primárias e também a ter uma escolha afetiva dos objetos; no final do período, já manifesta suas preferências por brinquedos, pessoas e objetos (BOCK et. al, 1999).

Por volta de 2 anos, a criança evolui da atitude passiva com relação ao ambiente, pessoas e o mundo em que vive, para uma atitude ativa e participativa. Mesmo que, já compreenda algumas palavras no final do período, somente é capaz de usar a fala imitativa (BOCK et. al, 1999).

No final desde período, a criança já desenvolveu bastante suas capacidades, já compreende algumas coisas e palavras, mas ainda não está completamente capacitada para falar e somente imita o que vê (BOCK et.al, 1999).

Nesta idade, é o momento que a criança diferencia os objetos, as pessoas, coordena as ações e atividades motoras, tendo o desenvolvimento cada vez mais avançado e importante. Pode-se dizer que esta fase representa a conquista, através da percepção e dos movimentos de todo universo que a cerca (BOCK et.al, 1999).

Quando o bebê é gerado, já começa o processo de construção e vir ao mundo, com o passar dos dias se desenvolve, aprende novos movimentos e meios de se movimentar, cria o seu universo de atitudes, reações, progredindo através de seu comportamento e ações. À

medida que o bebê cresce e se locomove, criam-se novas modificações e coordenações (BOCK et. al, 1999).

Os dois primeiros anos de vida são os mais importantes, sempre deve compartilhar o momento de transformação que ocorre com o bebê, a família deve sempre participar do seu desenvolvimento, pois é o momento em que tem novas descobertas. É importante que a criança seja estimulada em seus movimentos, coordenações, atitudes e acontecimentos.

A criança relaciona-se com o mundo sobre a ação e sentidos, assim, ela tem uma relação com os objetos, sabendo o que deseja no momento, mas são mais devagar em alcançar suas metas, pois está começando a conhecer e aprender o mundo das coisas.

2.1.2 Primeira infância: Período pré- operatório – 2 a 7 anos

Este é o momento em que a linguagem aparece e permanece, onde começa a grande trajetória do ensinar, explicar e interpretar. Onde ela necessita de total apoio e dedicação, pois começa a aprender e conhecer um mundo novo e complexo. Nessa fase, a criança precisa de muita atenção e deve ser compreendida. É necessário que possa mostrar suas habilidades e inteligência. Nessa idade, a criança está no processo de progredir, ter novas experiências e um novo jeito de agir, onde surgem novos pensamentos, atitudes e várias formas de raciocínio.

Segundo Bee (1996, p.197):

Para Piaget a criança começa a brincar de faz de conta aos 2, 3 ou 4 anos de idade, uma vassoura pode se transformar em um cavalo. O bloco passa a ser trem, observamos a capacidade cada vez melhor da criança de manipular internamente esses símbolos, como por exemplo, em sua capacidade de procurar de modo mais sistemático objetos perdidos ou escondidos.

Nessa idade, a criança começa realmente a entender os brinquedos e brincar, a maioria dos brinquedos tem finalidades para criança, tudo que ela vê transforma em brincadeiras, usando-o faz de conta, tem toda imaginação para brincar (BEE, 1996).

Assim, percebe que a criança está bem capacitada, pois ela consegue ser o objeto e sabe imaginar determinados brinquedos, por isso, ela usa seu raciocínio e suas habilidades criando o mundo dos brinquedos (BEE, 1996).

Bee (1996, p. 201), “[...] De acordo com Piaget somente com 4 anos de idade a criança começa agrupar objetos em categoriais ou classes, usando dimensão e formas como: quadrado, redondo, pequeno e grande.”

A criança, aos 4 anos, ela já consegue perceber as ações de pessoas em razão do que ela pensa e acredita, e também do que ela pensa e acredita. Percebe que os objetos podem ser representados de várias formas, como ela entende e compreende ao redor do seu mundo (BEE, 1996).

“Piaget define que o principal progresso desse período em relação ao seu antecedente e o desenvolvimento da capacidade simbólica instalada em suas diferentes formas, a linguagem, o jogo simbólico e a imitação postergada” (PALANGANA, 2001, p. 24).

O período de 2 aos 4 anos, a criança vive o período simbólico, ela já consegue dar nomes aos objetos, tem toda uma imitação da linguagem, cria várias imagens e um mundo de fantasias (PALANGANA, 2001).

A criança está sempre ligada ao que os adultos fazem, é capaz de apreender apenas com o que vê e escuta. Pois, a fase em que ela está é de desenvolvimento, tudo que vê é novo, por isso, sempre copia o que os adultos fazem.

Segundo Bock et. al (1999, p.103):

Como decorrência do aparecimento da linguagem o desenvolvimento do pensamento se acelera. No início do período, ele exclui toda a objetividade, a criança transforma o real em função dos seus desejos e fantasias (jogo simbólico), posteriormente utiliza – o como referencial para explicar o mundo real, a sua própria atividade, seu eu e suas leis morais, e, no final do período, passa a procurar a razão casual e finalista de tudo (é a fase dos famosos “porquês”). É um pensamento mais adaptado ao outro e ao real.

À medida que a criança se desenvolve, ela se adapta mais ao mundo e surge seus interesses e curiosidades em tudo que vê, faz perguntas e quer saber a utilidade das coisas.

Bock et. al (1999, 103) cita que:

No aspecto afetivo para Piaget, surgem os sentimentos interindividuais, sendo que um dos mais relevantes é o respeito que a criança nutre pelos indivíduos que julga superiores a ela, por exemplo, em relação aos pais e aos professores. É um misto de amor e temor, seus sentimentos morais refletem esta relação com os adultos significativos a moral da obediência, com que o critério de bem e mal é a vontade dos adultos. Com relação às regras, mesmo nas brincadeiras, concebe – as como imutáveis e determinadas externamente. Mais tarde, adquire uma noção mais elaborada da regra, concebendo – a como necessária para organizar o brinquedo, porém não a discute.

Com o domínio ampliado do mundo, pelas diferentes atividades que tem e os objetos se multiplicam, a partir desse interesse, surge toda uma escala de valores que é própria da criança, ela passa a avaliar suas próprias ações partindo dessa escala. É muito importante neste período, o desenvolvimento das habilidades como a coordenação motora, a fina forma

com que pega os objetos com as pontas dos dedos, como segurar o lápis corretamente e como conseguir movimentos delicados exigidos pela escrita. (BOCK et. al , 1999).

Sabe-se, que a criança conhece o mundo, mas do jeito dela. Desta forma, é importante que a criança brinque bastante, porque ela vai aprender muito mais, sabendo regras e valores, tendo interesse relaciona-se com pessoas e socializa. “Para Piaget, a criança pequena demonstra crescente pensamento simbólico pela ligação de seu mundo com palavras e imagens, assimilação avançadas usando a atividade física para processos cognitivos [...]” (GALLAHUE E OZMUN, 2005, p. 45).

Ao ingressar na educação infantil, na maioria dos casos, a criança vive em grupos pela primeira vez, ela participa, respeita, interage com outros. Tendo o mundo da brincadeira e do descobrimento amplia com algo que é novo, bonito. Surgem as modificações capazes de efetuar suas ações, o aprofundamento da linguagem descobrindo as riquezas do mundo e a realidade revelando seus pensamentos e vontades (GALLAHUE E OZMUN, 2005).

Nessa fase, a criança precisa muito do apoio dos pais e professores, aparecem os símbolos, a linguagem, a interpretação e o momento da aprendizagem. É muito importante que as crianças se interajam com outras e aprendam brincando, porque nesta idade a criança precisa de amigos, de se socializar com outros para aprender a viver em sociedade.

2.1.3 A infância propriamente dita: Período das operações concretas – 7 a 11 anos

Este é o período que a criança está aberta a novos acontecimentos, onde pode começar e recomeçar do ponto onde parou, tem a disponibilidade para aprender, ouvir tudo que é novo e tem o interesse de conhecer, começa a ser responsável pelos objetos.

Para Bock et. al (1999), o período das operações concretas, o desenvolvimento mental que foi caracterizado, no período anterior, pelo egocentrismo intelectual e social. Será superado neste período pela construção da lógica, que é a capacidade que a criança tem em estabelecer as relações que permitem a coordenação de pontos de vista diferentes. Esses pontos de vistas referem-se as pessoas diferentes ou a própria criança quando vê o objeto em situação de aspecto diferente. A criança consegue coordenar esses pontos, isto significa que, no plano afetivo ela é capaz de trabalhar com outro e formar grupos tendo autonomia pessoal.

A criança é capaz de participar de um jogo e na metade dele, descobrir o erro e recomeçar a fazer do jeito correto. A criança já consegue exercer suas habilidades e

capacidades, ela forma conceito, trabalha com ideias, pensa antes de agir, forma grupos, constrói amizades e estabelece compromissos.

Durante esse período acontece uma grande evolução, pois ocorrem novos processos, maneiras diferentes de se comportar, é um momento em que a criança tem dúvidas e descobre regras. A criança sempre busca estratégias para interagir com o mundo, para que possa ter conhecimento, essa idade ela é capaz de não só agrupar, mas também de compreender e desenvolver suas habilidades para que assim possa adquirir experiências.

Segundo Palangana (2001, p. 27):

Piaget observa que as operações, ao contrário das ações, sempre implicam em relação de troca. Assim sendo neste estágio operatório concreto esse fator representa uma condição de extrema importância para a objetividade e coerência do pensamento, ou seja, para o equilíbrio cognitivo.

A criança nesta fase quer ser competente, aprender mais na escola, esta em busca de dominar atividades, tarefas que o professor aplica e sempre se preocupa em agradar os outros, para não ser chamada a atenção. Na maioria das vezes, os meninos gostam de brincar pulando e correndo, e as meninas brincam de casinha e escolinha. “As crianças adquiriram uma autonomia crescente em relação ao adulto, passando a organizar seus próprios valores morais.” os autores destacam que os novos sentimentos morais são: “o respeito mútuo, a honestidade, o companheirismo e a justiça, que considera a intenção na ação por ser punida se isto ocorreu acidentalmente” (BOCK et. al, 1999, p.103).

Dessa maneira, a criança tem o sentimento de pertencer a um grupo de colegas onde a relação fica mais forte, sendo que a criança escolhe seus próprios amigos, sejam meninas ou meninos, ela tem sua própria opinião em fazer amizades (BOCK et.al, 1999, p.103).

A criança é capaz de compreender várias propostas de organizar e relacionar suas experiências, ela raciocina de modo que entenda a diferença da realidade. É através da brincadeira as crianças compreendem o mundo físico e social, tornando seus conhecimentos e interesses valorizados (BOCK et.al, 1999).

Nessa fase, a criança tem mais capacidade de se conhecer, ela cria vários tipos de relações com outros, tem o seu próprio ponto de vista, sabe responder o que é perguntado. Nessa idade, a criança tem o pensamento mais avançado, sabe o que é bom e ruim, é o momento em que está prestes a virar adolescente, ela vai largar os brinquedos e deixar de ser criança. No fim desse período, a criança passa por várias mudanças, é uma etapa muito importante na vida dela e precisa ser orientada.

2.1.4 Período das operações formais: Adolescência – 11 aos 12 anos em diante

Esta fase é muito importante que tenha entendimento e compreensão, pois é um período onde gera conflitos e rebeldia, o adolescente tem seu pensamento próprio para agir de sua maneira, tira suas próprias conclusões é de extrema importância, o adolescente ter a liberdade de expor suas ideias, opiniões, que ele possa buscar informações e conhecimentos, o adolescente deve conviver com pessoas da sua idade, assim desenvolverá melhor suas habilidades e competências.

Bock et. al (1999, p.105-106):

Neste período ocorre a passagem do pensamento concreto para o pensamento formal, abstrato, isto é, o adolescente realiza as operações no plano das ideias, sem necessitar de manipulação ou referências concretas, como no período anterior. É capaz de lidar com conceitos como, liberdade e justiça. O adolescente domina progressivamente a capacidade de obstruir e generalizar cria teorias sobre o mundo, principalmente sobre aspectos que gostaria de reformular. Isso é possível graças à capacidade de reflexão espontânea que cada vez mais descolado do real, é capaz de tirar conclusões e de puras hipóteses.

Nas relações sociais ocorre o processo de caracterizar-se, no início da fase de interiorização, aparentemente, é anti-social. O adolescente afasta de sua família, não aceita conselhos dos adultos, acontece que na realidade o alvo da sua reflexão é a sociedade e é analisada como possível de ser reformada e transformada. Posteriormente, atinge o equilíbrio entre pensamento e a realidade, quando compreende a importância da reflexão para sua ação sobre o mundo real (BOCK et. al, 1999, p. 106).

De acordo com Bock et. al (1999, p.106), “[...] Os interesses do adolescente são diversos e notáveis, sendo que a estabilidade chega com a proximidade da idade adulta”.

Com relação aos adolescentes trata-se da fase da mudança, é um momento em que precisa de todo o apoio da família, pois eles estão deixando de ser crianças passando para a adolescência. Na adolescência é muito importante conviver em grupos, ter amigos para que possam aprender a viver em sociedade. Pode-se entender que, os adolescentes tenham ideias e pensamentos diferentes. O adolescente sempre pensa no futuro, qual a profissão a seguir e está sempre em busca de resposta.

Palangana (2001, p. 28) cita que:

Para Piaget neste estágio a principal característica é a distinção entre o real e o possível, o adolescente é capaz de pensar em termos abstratos e formular

hipóteses e testá-las sistematicamente, independentemente da verdade factual.

O adolescente, pensa como se fosse um adulto, está sempre focado em seu bem estar no que pode fazer para o seu melhor desempenho, o jovem adolescente quer ser independente, mas não é possível.

Segundo Bock et. al (1999, p.106):

No aspecto afetivo para Piaget, o adolescente vive conflitos, deseja libertar – se do adulto, mas ainda depende dele. Deseja ser aceito pelos amigos e pólos adultos. O grupo de amigos é importante referencial para o jovem, determinando o vocabulário, os sentimentos e outros aspectos de seu comportamento, começa a estabelecer sua moral individual que é referenciada à moral do grupo.

Na conquista de personalidade, o adolescente quer inserir-se na sociedade dos adultos, descobre os sentimentos e as paixões, está sempre querendo fazer parte da sociedade e participar, ele deve estar sempre em contato com outros jovens de sua idade, no qual vai aprender e construir em grupo de amizade (BOCK et. al, 1999).

Essa é a idade que o adolescente tem a total capacidade de racionar, formar e executar. Onde ele cria seus princípios e valores, vai a busca de seus objetivos e pensamentos, sempre está focado no que deseja conquistar e está sempre em busca de amizades.

2.2 A cognição e aprendizagem

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Brasil, 1998a, p. 18):

Desenvolvimento cognitivo é outro assunto polêmico presente em algumas práticas. O termo “cognitivo” aparece ora especificamente ligado ao desenvolvimento das estruturas do pensamento, ou seja, da capacidade de generalizar, recordar, formar conceitos e raciocinar logicamente, ora se referindo a aprendizagens de conteúdos específicos. A polêmica entre a concepção que entende que a educação deve principalmente promover a construção das estruturas cognitivas e aquela que enfatiza a construção de conhecimentos como meta da educação, pouco contribui porque o desenvolvimento das capacidades cognitivas do pensamento humano mantém uma relação estreita com o processo das aprendizagens específicas que as experiências educacionais podem proporcionar.

O desenvolvimento cognitivo passa por todos os estágios, vivenciando todos e em cada um o comportamento muda, a criança se entrega a nova ventura, realiza e descobre que em cada um deles tem um raciocínio diferente.

Para Bock et. al (1999, p.117), a cognição é um processo cheio de significados atribuídos ao mundo em que vivemos, de maneira que a criança se estabelece no mundo, ela constrói relações atribuindo os significados a realidade em que se encontra. Sendo assim, esses significados dão atribuições a outros, tendo toda uma estrutura cognitiva aos primeiros significados. Desse modo, quando é preciso ensinar algo para a criança, é necessário que ela veja, aprenda e compreenda. Assim, ela atribui significados ao que se aprende utilizando as informações.

A cognição faz com que a criança conheça o mundo através dos significados, que é atribuído a ela, é quando ela aprende, conhece e organiza seus conceitos é o estudo do desenvolvimento mental, onde estão envolvidos conhecimento, atenção, pensamento e raciocínio. São capacidades que a criança adquire no decorrer da vida. É o processo mental em que ocorrem as fases que desenvolvem a compreensão, as percepções e relações do indivíduo e as atribuições dos significados, onde a inteligência é complexa (BOCK et.al, 1999).

A aprendizagem não tem fim, inicia mesmo antes de nascer e nunca acaba, leva o indivíduo a viver melhor, de acordo com o que aprende e se desenvolve. É um processo muito importante, pois se trata da relação com o mundo. A aprendizagem acontece desde o seu primeiro dia de vida, pois começa a fazer gestos e cada dia se adapta e se desenvolve mais.

Afirma Bock et. al (1999, p.115) [...] “Aprendizagem é a conexão entre o estímulo e a resposta. Completada a aprendizagem, os estímulos e as respostas estão de tais modos unidos que o seu aparecimento evoca na resposta [...]”. A aprendizagem é um elemento importante que gera comunicação e riqueza de conteúdos cognitivos, tendo um processo de organização, informações e de estruturas, com possibilidades de conhecimentos e renovação de uma forma real de interpretar e compreender o mundo. A cognição é um mundo de significados, que atribui para outros significados com a origem cognitiva.

Pode-se dizer que, antes de ir a escola, a criança já sabe de muitas coisas, aprende a falar gesticular, dar nome a objetos, ela adquiriu informações sobre o mundo que vive.

Segundo Bock et. al (1999, p.124):

Para Vygotsky, a aprendizagem sempre inclui relações entre pessoas. A relação do indivíduo com o mundo esta sempre mediada pelo outro. Não há como aprender e apreender o mundo se não tivermos o outro, aquele que nos fornece significados que permitem pensar o mundo a sua volta. A

aprendizagem da criança inicia – se muito antes de sua entrada na escola, isto porque o primeiro dia de vida, ela já está exposta aos elementos da cultura e a presença do outro que se torna o mediador entre a cultura.

Bock et. al (1999, p.126), “[...] A aprendizagem é, portanto, um processo essencialmente social que ocorre na interação com os adultos e os colegas. O desenvolvimento é resultado desse processo e a escola o lugar privilegiado para essa estimulação.”

A aprendizagem faz com que a criança mostre o que é capaz de fazer, de aprender os meios que tem com a linguagem e escrita, interpretando e se transformando, capaz de compreender os processos adquiridos. A criança sempre está desenvolvendo novos rumos fazendo com que se torne mais habilidoso e competente. É muito importante deixar que a criança fique a vontade para que possa criar suas próprias ideias e opiniões (BOCK et.al, 1999).

2.3 O desenvolvimento sócio – Afetivo e suas implicações na aprendizagem

Coll et. al (1995, p. 81):

Quando nasce, a criança é muita indefesa, sua sobrevivência depende da ajuda prestada pelo grupo social onde ela vive. Possui ao mesmo tempo uma grande capacidade de aprendizagem, já que o sistema perceptivo encontra-se relativamente organizado, e sente-se atraída pelos estímulos de origem social. Estes três fatos fazem com que a criança esteja em condições ideais para iniciar o processo de socialização ou assimilação dos valores, normas e formas de agir que o grupo social onde ela nasceu tentara transmitir.

Quando a criança nasce já faz parte do social, convive com grupos, que passa a se socializar e aprender. É muito importante ensinar a criança desde pequena, a viver em sociedade mostrar a ela a importância da socialização dos indivíduos e o quanto é importante para o seu crescimento e aprendizagem. Pode-se entender que, desde o nascimento a criança já se torna membro de um grupo social (COLL et.al, 1995).

Segundo Coll et. al (1995, p. 82):

O grupo social onde a criança nasce necessita também da incorporação desta para manter – se e sobreviver e, por isso, além de satisfazer suas necessidades, transmite-lhe a cultura acumulada ao longo de todo o discurso do desenvolvimento da espécie. Esta transmissão cultural envolve valores, normas, costumes, atribuição de papéis, ensino da linguagem, habilidades e conteúdos escolares, bem como tudo aquilo que cada grupo social foi acumulando do longo da história e que é realizado através de determinados

agentes sociais, que são encarregados de satisfazer as necessidades da criança e incorporá-la ao grupo social. [...]

No desenvolvimento social da criança, é preciso estrutura dos grupos do qual passa a conviver. Entre as agentes sociais as pessoas: pai, mãe, irmãos, colegas e professores; instituições: escola; meio de comunicação social: televisão; os instrumentos: livros e brinquedos. Todos esses meios são muito importantes para o processo de socialização da criança. Portanto, a criança precisa ter todo um acolhimento e aproximação em suas relações. Desse modo, o processo de socialização é uma interação da criança ao seu meio, onde os resultados dependem de como a criança é e como age com os agentes sociais (COLL et. al, 1995).

Tudo o que a criança vivencia com sua família e com outras pessoas que vivem a sua volta, o relacionamento que ela tem com cada um, a maneira com que cresce, conhece o mundo, ela se desenvolve socialmente e se transforma de acordo com suas experiências. “Os vínculos afetivos que a criança estabelece com os pais, irmãos e amigos. São uma das bases mais solidas de seu desenvolvimento social. Estes vínculos, uma vez como viremos à criança aos demais e, transforma-se em um dos motivos fundamentais da conduta social” (COLL et. al, 1995, p. 82).

Assim, a criança passa a interagir e conviver com grupos do qual ela faz parte, criando um laço de amizade e afeto, carinho e união. Ela terá uma melhor conduta social. “A empatia (experiência ficaria do estado emocional do outro), o apego (vínculo afetivo com as pessoas que cuidam dela) e a amizade não são somente em si mesmo uma forma de união ao grupo, mas também mediam todo o desenvolvimento social” (COLL et. al, 1995, p. 82).

O processo de socialização pode-se entender que é a transmissão dos conhecimentos. É muito importante conduzir a criança de modo que ela cresça, desenvolva e aprenda de uma forma adequada para assim viver em sociedade.

A aquisição dos conhecimentos sociais são um dos aspectos fundamentais do desenvolvimento social, e para que ocorram os processos afetivos e as condutas sociais. Sem o conhecimento social nada acontece. Pode-se dizer que, nos primeiros dias de vida da criança já aprende alguns sinais e indícios sociais.

Coll et. al (1995, p. 88) destaca que:

Um dos aspectos cruciais do desenvolvimento social, durante os dois primeiros anos de vida, é o desenvolvimento afetivo. As crianças nascem com uma grande capacidade de aprender, pré-orientadas a brincar e preferir estímulos sociais e necessitadas de vínculos afetivos com alguns membros

de sua espécie. O apego e a amizade são os vínculos afetivos básicos, tendo o apego um papel fundamental nestes primeiros anos de vida.

Sabe-se que a criança necessita de carinho, amor e proteção. Então, desde que nasce ela já tem todo um apego pela família e outras pessoas que fazem parte de sua vida. O apego é todo vínculo afetivo que a criança constrói com estas pessoas e a representação mental e os sentimentos. De acordo com que a criança vive com a família e o conhecimento que é passado para ela desde pequena é que vai ter um melhor desempenho em seu processo de desenvolvimento. “A relação adequada com as figuras de apego ocasiona sentimentos de segurança, bem estar e prazer, associados à proximidade e contado com elas, e de ansiedade, quando ocorrem separações ou dificuldades para restabelecer o contato (COLL et. al, 1995, p. 89).

Portanto, o desenvolvimento afetivo e o reconhecimento das pessoas, os sentimentos e o cuidado que se tem pelo outro. “O apego é, por ultimo, também, em conjunto de sentimentos associados às pessoas, às quais a criança está vinculada (COLL et. al, 1995, p. 89).

Desta maneira, pode-se dizer que o desenvolvimento afetivo e a relação familiar o que os adultos passam para a criança, o processo a interação, participação são os sentimentos bons que a criança recebe e aprende.

O afetivo trata-se de todo acolhimento, aproximação, atenção, carinho, amor, amizade e dedicação, é o sentimento que o indivíduo tem pelo outro. Sendo assim, o indivíduo recebe toda estimulação para ter o desenvolvimento melhor e mais acolhedor. “Este vinculo afetivo forma-se ao longo do primeiro ano de vida, como resultado da necessidade de vinculação afetiva que a criança possui e das condutas que ela utiliza para satisfazê-la, por um lado, e do oferecimento de cuidados e atenções especificas por parte da mãe, por outro” (Coll et. al, 1995, p. 89). Quando a criança desde pequena tem um aspecto afetivo bom e acolhedor, quando interage com outras pessoas, o seu desenvolvimento perante sua vida e nas relações será mais satisfatório. “Este vinculo é, por isso, o resultado da interação privilegiada entre a criança e alguns adultos (COLL et. al, 1995, p. 89).

A criança é movida a sentimentos e reações, que devem ser bem tratadas tanto pela família quanto na escola. Analisando a importância do vínculo afetivo e o bem estar da criança, a pesquisa em questão tenciona na direção do bem estar proporcionada pelo apego, proporcionado pelas atividades lúdicas realizadas individualmente ou em grupo (COLL et.al, 1995).

Na educação infantil deve-se deixar a criança brincar, pois através da brincadeira ela conhece sua imagem e suas características físicas. A criança deve brincar do jeito dela, propor sempre coisas que ela é capaz de fazer para que possa construir seu próprio mundo, ou seja, a criança vai desenvolver seus meios, suas habilidades e inteligência.

É muito importante deixar a criança a vontade para escolher o brinquedo, dessa forma seu desempenho de crescimento e aprendizagem será muito melhor. No próximo capítulo, será abordada a importância do lúdico durante a formação ocorrida na educação infantil.

3. A EDUCAÇÃO INFANTIL E O ATO DE EDUCAR CRIANÇAS DE QUATRO ANOS ATRAVÉS DO LÚDICO

3.1. Fundamentações histórica da pedagogia lúdica

Toda criança precisa de carinho e atenção, com o tom de voz alterado e agressividade da família ou até mesmo do educador, não tem aprendido. É necessário que a criança brinque bastante, que aproveite sua infância com as brincadeiras, pois é uma fase muito importante que desenvolve suas habilidades. "Para Piaget a criança raciocina logicamente sobre eventos concretos e consegue classificar objetos de seu mundo em vários ambientes. E a reversibilidade com experimentação intelectual através da brincadeira ativa" (GALLAHUE E OZMUN, 2005, p. 45):

Os jogos sempre estiveram ligados na vida dos seres humanos, do nascimento até a vida adulta e em todas as épocas. As atividades dos primitivos como a dança, a pesca, a caça, para eles os jogos são a própria cultura que transmite para a educação e caminha para a sobrevivência. "Lúdico, do latim *Ludus*, quer dizer jogo" (ALMEIDA, 2000, p.13).

Veremos o que pensavam a respeito da educação lúdica, reescrito por Paulo Nunes de Almeida(2000).

EDUCAÇÃO LÚDICA
Platão (427-348), na Grécia Antiga os primeiros anos da criança, tinha que ser ocupado com jogos educativos. Criança tinha que ser criança e aprender brincando com os jogos.
Para os egípcios, os romanos e os maias, os mais velhos ensinavam com os jogos valores e conhecimentos aos mais jovens, passavam de geração para geração.
Os jogos para o cristianismo não tinham significado nenhum, perdeu seu valor.
Os jogos como valor educativo ficou conhecido no século XVI, quando os humanistas tiveram essa percepção.

<p>O colégio Jesuítas foi quem colocou primeiro a educação lúdica na prática. Philippe Ariés (1978, p.112-113), <i>apud</i> Almeida (2000, p. 21), afirma em relação aos jogos: “Os padres compreenderam desde o início que não era possível nem desejável suprimi-los [...] Ao contrario, propuseram-se a assimilá-los e a introduzi-los oficialmente em seus programas e regulamentos e controlá-los” Então, para os jesuítas os jogos passaram a fazer parte da educação, de forma educativa, trazendo regras aos jogos, jogos de azar e aprendizagem na ortografia e da gramática. “Assim, disciplinados os jogos, reconhecidos como bons, foram admitidos, recomendados e considerados a partir de então como meios de educação tão estimáveis quanto os estudos”. Philippe Ariés (1978, p.112-113), <i>apud</i> Almeida (2000, p. 21)</p>
<p>Ainda no século XVI, Rabelais disse que as crianças deviam aprender por meio de jogos tendo amor a leitura e ao desenho, os jogos de cartas e fichas eram para o ensino da geometria e aritmética.</p>
<p>Montaigne (1533-1592) partiu para a observação de campo, as crianças tinham curiosidades em tudo o que estava ao seu redor, aprendiam através das observações.</p>
<p>Comênio (1592-1671) seu método obteve três ideias fundamentais na nova didática: naturalidade, intuição e auto-atividade que obedecia ao desenvolvimento da criança a rapidez, facilidade e consistência no aprendizado.</p>
<p>Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) demonstrou que a criança tem maneiras de ver, pensar e de sentir que lhe são próprias. “Não deis a vosso aluno nenhuma espécie de lição verbal: só da experiência ele deve receber”. Para Rousseau, o educador tinha que ensinar as crianças com as experiências que elas viviam e não com lições verbais.</p>
<p>Pestalozzi (1746-1827) abriu-se um novo rumo para a educação moderna, que segundo ele, a escola é uma verdadeira sociedade, na qual o senso de responsabilidade e as normas de cooperação são suficientes para educar as crianças, e o jogo é um fator decisivo que enriquece o senso de responsabilidade e fortifica as normas de cooperação. Ou seja, o educador para educar a criança tem que ser responsável e ter a colaboração da família e com os jogos fortalecer o trabalho de responsabilidade das crianças.</p>
<p>Froebel (1782-1852) fortalece os métodos lúdicos na educação, que o educador faz do jogo uma arte, um admirável instrumento para promover a educação para as crianças. E a melhor forma de conduzir a criança a atividade, a auto-expressão e a socialização séria por meio dos jogos.</p>
<p>Dewey (1859-1952, p. 24) <i>apud</i> Almeida (2000), para ele: “As diversas formas de ocupação ativa, tem a oportunidade de filiar-se à vida, de fazer o ambiente natural da criança, onde ela aprende a viver retamente, em vez de aprender simplesmente lições que tenham uma abstrata e remota referencia a alguma vida possível que haja de localizar-se no possuir”. Segundo Dewey, o comportamento da criança parte da necessidade de saber, de explorar, de observar, de trabalhar, de</p>

jogar, de viver. Esse conhecimento que a criança adquire parte da necessidade e interesse dela mesmo.
Claparède cita que o jogo para a criança é o trabalho, com os jogos a criança desenvolve todas as capacidades cognitivas e motoras tendo energia para essa aprendizagem. Com as atividades lúdicas o jogo, faz com que a criança aprenda mais.
Maria Montessori (1870-1952) com as ideias dos jogos educativos de Froebel, ela remonta os jogos sensoriais.
Jean Piaget em suas obras cita o lúdico aplicado em crianças, os jogos segundo ele não é passatempo, enriquece o desenvolvimento intelectual da criança e também os jogos no pré-operatório, além de desenvolver o instinto natural, ele representa simbolicamente o conjunto de realidades vividas pela criança (ALMEIDA, 2000, p. 25). Para Piaget conforme as crianças se desenvolvem os jogos vão ganhando significados, quando a criança manipula variados materiais, ela começa a reconstruir os objetos, reinventar as coisas exigindo uma adaptação de assimilação e acomodação (ALMEIDA, 2000, p. 25).

Quadro 2: Educação Lúdica

Fonte: Almeida, 2000, p.19 – 25

Brinquedo para Vygotsky (1998), nem sempre satisfaz uma criança, pois terá prazer se for adequado para satisfazê-la. Exemplo os jogos esportivos, que podem ser ganhos ou perdidos os resultados são desfavorável, a criança não sentirá prazer. Portanto, não podemos classificar o brinquedo como atividade prazerosa, mas uma atividade que recheie sua necessidade. Segundo o autor a criança é motivadora de ação, então não podemos ignorar esse estágio do desenvolvimento para o outro, que são as mudanças acentuadas nas motivações, tendências e incentivos. Ainda afirma que “A criança em idade pré-escolar envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é o que chamamos de brinquedo” (VYGOTSKY, 1998, p. 122).

E como podemos ver as atividades lúdicas, é importante para as atividades intelectuais o social da criança é essencial para a prática educativa. Trabalhar com o lúdico traz enriquecimento tanto para o educador quanto para o aluno, o aprendizado melhora e o educador fica gratificado com o desenvolver da criança. O imaginário é o processo psicológico que a criança se encontra, o brinquedo transforma em algo real da sua imaginação.

O lúdico toma sua verdadeira forma como enfoque na prática educativa, apresentada por Celestin Freinet, os jogos para ele não eram bem vistos nas atividades educativas, mas depois deu valor aos jogos e criou o trabalho-jogo. A criança se dedicava no trabalho

educativo, tendo satisfação e prazer em aprender com o jogo. “O trabalho nem sempre é jogo, e, se é nefasto trabalhar sempre, não é bom jogar sempre”. O mesmo se diga do trabalho-jogo, uma atividade intrinsecamente ligada ao ser, que se toma como uma função cujo exercício constitui por si mesmo a sua própria satisfação. Freinet (ALMEIDA, 2000, p. 28)

O pedagogo russo Makarenko (1888-1939), cita que “não se pode fazer uma obra educativa sem se propor um fim... um fim claro, bem definido... um conhecimento do tipo homem que se deseja formar...” e “A realidade pode e deve tornar-se a base, a própria fonte do prazer, e deve estabelecer uma relação entre o dever, a alegria presente e a aspiração a um futuro feliz”. É com esse objetivo que a criança vai ter um futuro sério e feliz, essa coletividade infantil tem que ser clara e duradoura com atividades para que tragam a criança alegria individual, satisfação pessoal de correr, brincar e comer (ALMEIDA, 2000, p. 28-29).

A autora Kishimoto (2000), cita que até os animais tem brincadeiras lúdicas como exemplo: o gato que rola a bola ou também puxa a lã do dono. A vida animal e o ser humano esta o tempo todo brincando de forma lúdica, ou seja, aprendendo com o lúdico de uma maneira mais extrovertida e calma.

3.2 A função pedagógica do lúdico

“Os jogos não servem para nada e não tem significação alguma dentro das escolas, a não ser na cadeira de educação física” (ALMEIDA, 2000, p. 59). Assim pensava a pedagogia tradicional, que não dava a importância ao lúdico nas atividades pedagógicas. Os jogos só para a educação física e não em outras disciplinas.

O lúdico não era permitido o que faltava era seu reconhecimento e compreensão do seu valor (ALMEIDA, 2000). Trabalhar com o lúdico é entender qual objetivo o lúdico pode trazer para as crianças e saber dominar o lúdico.

Jean Chateau (1987) *apud* Almeida (2000, p. 60), cita que a escola deve se apoiar no jogo, tomar o comportamento lúdico como modelo para confirmar o comportamento escolar. E também que, há uma diferença entre o jogo e o trabalho, a criança gosta de brincar, de imitar o adulto a maneira como eles trabalham para a criança o jogo é trabalho.

O trabalho escolar é o equilíbrio entre os dois: jogo e trabalho. A criança habitua aos conhecimentos da produção do saber, divertindo-se desenvolve todas as relações de vida,

estará se preparando para o trabalho real na vida social (CHATEAU *apud* ALMEIDA, 2000, p. 61).

O autor Chateau *apud* Almeida (2000, p. 61):

“O jogo prepara o contato com a existência não humana... Só se domina a natureza pela obediência do espírito, de início, e depois a própria natureza. Se o jogo fica muito distanciado dessa existência real, cabe ao trabalho escolar para ser proveitoso, é diferente do trabalho real. Ele habitua ao esforço, mas não o esforço penoso do trabalhador sustentando pelo peso do arado, pela terra que agarra a seus pés”.

3.3 O lúdico no período pré-operacional

O período pré-operatório é a fase do jogo simbólico, em que a criança de 4 anos tem imaginações, gosta de colocar fantasias para as brincadeiras de faz-de-conta como: médico, mamãe e filhinho, mecânico, motorista, inventa amigos imaginários, quer saber de tudo (fase dos por quês), gosta de jogos que seu corpo se movimenta e sua fala é bem desenvolvida. A criança nesta fase passa pelo desenvolvimento da linguagem escrita e leitura (ALMEIDA, 2000, p. 45 – 48).

O “jogo simbólico” segundo Almeida (2000), se explica pela assimilação do “eu” – ele é o pensamento em sua forma mais pura. Portanto, a criança participa de todas as brincadeiras que hajam movimentos corporais, imitações e pequenas descobertas. A brincadeira que a criança participa traz incentivo para o desenvolvimento intelectual. Quanto mais informações terá em seu cérebro.

De acordo com Piaget (1973, p.158) *apud* Almeida (2000, p. 45) afirma que:

“Jogando, elas chegam a assimilar as realidades intelectuais que, sem isso, permaneceriam exteriores á inteligência infantil. É por isso que, pela própria evolução interna, os jogos das crianças se transformam pouco a pouco em construção adaptada, exigindo sempre mais trabalho efetivo, a ponto de, nas classes pequenas de uma escola ativa, todas as transições espontâneas ocorrerem entre o jogo e o trabalho”.

Brincando ou manipulando as coisas, a criança dá forma ao mundo com suas impressões, registrando e recriando fatos em sua memória.

Edda Bomtempo (1988) *apud* Kishimoto (2000, p. 57), define que a fase simbólica como:

Quando vemos uma criança brincando de faz-de-conta, sentimos atraídos pelas representações que ela desenvolve. A primeira impressão que nos

causa é que as cenas se desenrolam de maneira a não deixar dúvida do significado que são os objetos assumem dentro de um contexto. Assim, os papéis são desempenhados com clareza: a menina torna-se mãe, tia, irmã, professora; o menino torna-se pai, índio, polícia, ladrão sem *script* e sem diretor. Sentimo-nos como diante de um miniteatro, em papéis e objetos são improvisados (*apud* Vieira, 1978).

Esse jogo é denominado por: jogo imaginativo, jogo do faz-de-conta, jogo de papéis ou jogo sócio-dramático (KISHIMOTO, 2000, p. 57).

No período pré-operatório, a criança encontra-se, também na face do “egocentrismo”, ela gosta de estar ao lado de adulto e de outras crianças, mas ela sendo o centro das atenções. É apegada nas suas coisas e não gosta de emprestar, o importante é estar com outras crianças nos jogos e brincadeiras, mas não consegue coordenar seus esforços para o outro. Outra questão importante, nesta idade para o crescimento intelectual e social na criança é deixá-la participar das tarefas de casa e na instituição como exemplo: arrumação das coisas (ALMEIDA, 2000). Sendo assim, a criança aprende socializando-se com outras pessoas, o adulto não pode interromper este processo, tem que deixar a criança ajudar com as atividades domésticas, pois garantirá a construção da autonomia.

O pensamento da criança está separado da linguagem, porém se inicia na ação imitativa, os verbos se tornam mais comuns. “A linguagem constitui um todo: começa a reconstruir a ação, a evocar e a representar o mundo da criança numa espécie de jogo” (ALMEIDA, 2000, p. 48). Sendo assim, “Ela gosta de relatar suas experiências, de ser ouvida, de fazer perguntas, de ouvir histórias, repeti-las e brincar com as letras”. (ALMEIDA, 2000, p. 48). Dando nome às coisas a criança aprende com facilidade e quando aprende a falar de determinadas situações enriquece a linguagem verbal e escrita.

3. 4 Brincar, brincadeiras e os jogos no desenvolvimento e na formação da criança

A fase dos quatro anos, que é o momento de brincar sozinha ou em grupo é importante para o desenvolvimento físico motor, intelectual, afetivo emocional e social; não se deve anular essa etapa da criança. Ela só é feliz brincando. Seja qual for a maneira que ela brinca, vai ajudá-la muito para a sua formação.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil propõe que a educação infantil, desenvolva com as crianças várias capacidades uma delas é que o brincar expressa na criança, emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades (BRASIL, 1998a).

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais (BRASIL, 1998b, p. 22).

Existem jogos e brincadeiras de parque ou de quintal, que envolve o reconhecimento do próprio corpo, o do outro e a imitação, como exemplos são: “Siga o Mestre” e “Seu Lobo”, porque propõem a percepção e identificação de partes do corpo e a imitação de movimentos (BRASIL, 1998b).

Os jogos, o brincar e as brincadeiras estão ligados em todas as capacidades que o educador tem que desenvolver com as crianças enquanto estão dentro de uma instituição.

Os jogos são vistos, segundo Almeida (2000), como uma tábua branca em nossa frente, os educadores não tem a noção do valor que os jogos fazem junto da prática educativa, por isso os excluíam da sua rotina pedagógica. Para os educadores os jogos fogem do ato de estudar, o jogo representa o reflexo da civilização denominado erva seca e o efeito de uma ação em busca do prazer, satisfação pessoal, independente de uma ação reflexiva e coletiva.

A educação lúdica contribui e influencia na formação da criança e do adolescente, mas também possibilita o crescimento sadio, se integra a uma prática democrática quando cria o conhecimento sobre o mundo (ALMEIDA, 2000, p. 57).

Kishimoto (2000, p.13), define que o jogo não é tarefa fácil:

Quando falamos a palavra “jogo” vem a nossa mente vários tipos de jogos. Sendo jogos políticos, de adultos, de crianças, de animais ou amarelinha, xadrez, adivinhas, contar estórias, brincar de “mamãe e filhinha”, futebol, dominó, quebra-cabeça, construir barquinho, brincar na areia. Os jogos recebem a mesma denominação, mas são específicos, como exemplo: faz-de-conta usa-se a imaginação; no jogo de xadrez usam-se as regras e movimento das peças.

Kishimoto (2000, p.16), aponta três níveis que diferencia os jogos: “1. O resultado de um sistema linguístico que funciona dentro de um contexto social; 2. Um sistema de regras; 3. Um objeto”.

Ambas as partes; no sistema de regras como xadrez, dama, o educador domina o jogo e os educandos seguem essa regra desenvolvendo assim a atividade lúdica; já o objeto que se refere ao jogo, pode-se usar outros tipos de materiais para fabricar essas brincadeiras, o xadrez pode ser feito de madeira como também de papelão e o pião que pode ser feito de madeira (KISHIMOTO, 2000).

No Brasil, termos como jogo brinquedo e brincadeiras que ainda são empregados de forma indistinta, demonstrando um nível baixo de conceituação deste campo, segundo Kishimoto (2000) por estes motivos citados acima o brinquedo é diferente do jogo, pois cria-se uma interação de intimidade com a criança. A criança faz do brinquedo, o imaginário daquilo que não é real, já o jogo é real e determina regras a serem cumpridas.

Uma boneca permite a criança várias formas de brincadeiras, desde a manipulação até a realização de brincadeiras como “mamãe e filhinha”. O brinquedo estimula a representação, a expressão de imagens que evocam aspectos da realidade. Ao contrário, jogos, como xadrez e jogos de construção exigem, de modo explícito ou implícito, o desempenho de certas habilidades definidas por uma estrutura preexistente no próprio objeto e suas regras (KISHIMOTO, 2000, p.18).

3.5 O trabalho das práticas educativas, as atividades lúdicas e o uso do jogo

Atividade lúdica é essencial para a criança, principalmente na educação infantil, pois a criança brinca com brinquedos, participa das brincadeiras e jogos, enfim ela possui todo conhecimento e aprende, e tem um melhor desempenho tanto no desenvolvimento mental quanto em suas coordenações motoras.

Através do jogo infantil, a criança é capaz de brincar mostrando toda sua satisfação e vontade, é uma brincadeira que facilita o desenvolvimento e aprendizagem na escola. O jogo educativo tem toda uma recreação sendo como foco que é um instrumento de ensino (KISHIMOTO et.al, 2000 p. 24).

O trabalho com o jogo deve ter sempre como objetivo o brincar e o aprender. Com o jogo infantil a criança tem o maior prazer em brincar, é muito importante, pois estimula, representa e reproduz o que acontece em sua vida (KISHIMOTO et.al, 2000)

No momento em que a criança brinca, ela esquece o mundo em que vive e entra no mundo imaginário. Pode-se dizer que, o jogo acontece no tempo e espaço, seguindo assim certa sequência dirigida para a brincadeira. Sabe-se que o jogo é uma ação, pois evolui a

criança para si própria, ele não cria, não visa o resultado no final (KISHIMOTO et.al, 2000, p. 24).

Assim “o jogo infantil é normalmente caracterizado pelos signos do prazer ou da alegria, entre os quais está o sorriso” Kishimoto et.al (2000, p. 25-26), o prazer em participar do jogo mostra novas expectativas e abrangem mais ideias, desta forma ela tem mais possibilidades de aprender e interagir com outros. O jogo faz parte da linguagem e da imaginação da criança e “traz inúmeros efeitos positivos ao aspecto corporal, moral e social da criança”. (KISHIMOTO et.al, 2000, p. 25-26).

Kishimoto et. al (2000, p. 36), o jogo educativo ganha força na educação infantil, e é entendido como um recurso que ensina desenvolve e educa-de uma forma bem prazerosa, entre eles estão o quebra cabeça, destinado a ensinar formas ou cores, tabuleiro exigem a compreensão dos números e das operações matemáticas, nos brinquedos de encaixe, que trabalham noções de sequência de tamanho e de forma, são múltiplos os brinquedos e brincadeiras, no qual o olhar é para o desenvolvimento infantil.

O jogo educativo com fins pedagógicos tem como relevância de instrumento para situações de ensino na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. O jogo tem várias formas de representação para criança a sua inteligência, que contribui para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil. Se as situações lúdicas são criadas por adultos com o objetivo de estimular os tipos de aprendizagem, então, surge toda uma dimensão educativa (KISHIMOTO et.al, 2000).

O jogo tem a função dúplice do brincar e ao mesmo tempo de aprender. Com a brincadeira a criança constrói um mundo novo que ela conhece e participa transformando assim em várias habilidades e aprendizagem. O jogo tem inúmeras funções para aprendizagem e desenvolvimento da criança, representa vários sentidos e estimulações (KISHIMOTO et.al, 2000, p. 36-37).

Kishimoto et. al (2000, p. 37) na educação infantil o jogo é transportar para o campo de ensino a aprendizagem, e a condição de construção do conhecimento em introduzir propriedades do lúdico a capacidade, o prazer à ação que é ativa e motivadora, assim a criança tem o acesso aos vários tipos de habilidades e conhecimentos.

Kishimoto et.al (2000, p. 37) define que:

Se a criança está diferenciando cores, ao manipular livre e prazerosamente um quebra cabeça disponível na sala de aula a função educativa e a lúdica estão presentes. No entanto, se a criança prefere empilhar peças do quebra – cabeça, fazendo de conta que está construindo um castelo, certamente estão contemplados o lúdico, a situação imaginária a habilidade para a construção do castelo, a criatividade na disposição das cartas, mas certamente não se

garante a diferenciação das cores. Essa é a especificidade do brinquedo educativo. Apesar da riqueza de situações de aprendizagens que propicia nunca se tem a certeza de que a construção do conhecimento efetuado pela criança será exatamente a mesma desejada pelo professor.

O jogo estimula a inteligência, desenvolve e constrói, desta maneira ocorre a exploração, descoberta e criatividade. O jogo educa e ensina a criança, a função educativa do jogo leva-a ao conhecimento, aprendizagem, o saber e também compreender o mundo, ele é o estimulador da inteligência (KISHIMOTO et.al, 2000).

É na educação infantil principalmente, que a criança deve ter contato com o jogo. Na infância a criança precisa de brincar, inventar, participar, criar e estar em contato com o mundo. No momento em que a criança participa do jogo está desenvolvendo uma atividade lúdica (KISHIMOTO et.al, 2000, p. 38).

Com relação a atividade lúdica e o jogo quando a criança brinca se socializa, forma conceito, ideias, estabelece relações com outros e tem uma formação de personalidade.

3.5.1 Desenvolvimento Motor: A importância do movimento na pré- escola

O movimento é a primeira manifestação do ser humano. Ele é um conjunto de transformações, com processo de mudanças no funcionamento do indivíduo, é a capacidade de controlar, é a mudança do comportamento. Através do movimento a criança sempre gera novas formas de domínio do corpo, ela corre, anda, salta, pula, é o desenvolvimento das habilidades motoras (GONÇALVES, 2009).

Para Gonçalves (2009, p. 235):

Não há um desenvolvimento igual ao outro. A criança cresce, ganha peso, volume, estatura, porém, o que a singulariza é a estrutura, estrutura essa que é resultado da relação da criança com o ambiente motivador e acolhedor. Pode-se notar nessa relação o desenvolvimento, estruturação a importância da experiência vivida, para que ambos tenham possibilidades de produzir um indivíduo integralmente.

Nenhuma criança é igual, cada uma desenvolve de forma diferente da outra, também depende de como a criança é tratada e estimulada e de que modo é acolhida pelo adulto. A criança desde pequena deve ser bem estruturada para que seus aspectos se desenvolvam e tenham um bom crescimento (GONÇALVES, 2009).

Gonçalves (2009, p. 235-236), desde o nascimento do bebê se tem todo um cuidado, atendendo todas as necessidades para que cresça forte e saudável. Por outro lado, a relação

que se tem com seu meio qualifica-se cada vez mais esse crescimento, dessa forma a criança cria possibilidades de se perceber e interagir com o outro. A partir disso, todas as experiências que ela tiver , definirá o olhar que ela terá do mundo ao seu redor.

Segundo Gonçalves (2009, p. 236):

A escola é, hoje em dia, desde muito cedo, um meio social participador da vida da criança e, também por isso, um importante agente motivador do desenvolvimento e da estrutura infantil. Baseado nisso, pontua-se a necessidade de cuidar integralmente do indivíduo que adentra a escola dando a de possibilidades e condições motoras cognitivas e sócio afetivas de vivenciar seu entorno e aprender, desenvolvendo se como criança e estruturando – se como um sujeito psicomotor.

A escola faz parte da vida da criança, lugar onde ela interage, participa e vivência e possibilita o desenvolvimento integral. A escola tem toda uma interação da criança, adulto e professor. É um ambiente seguro, motivador e acolhedor (GONÇALVES, 2009).

Na educação infantil, a estimulação psicomotora pode-se agregar experiências sensoriais, perceptivas, motoras, sociais e afetivas e são capazes de fazer que a aprendizagem da criança seja completa de conteúdos simbólicos e não simbólicos, pois estão no gênese da linguagem verbal e posteriormente da linguagem escrita. A estimulação psicomotora tem o desejo de construir, destruir, tocar, provar, sentir e aprender, o desejo de se comunicar, Dessa forma surge às explorações lúdicas, a vivencia do movimento, a partir daí a criança esta possibilitada à apropriação do corpo, do espaço e do tempo e dela mesma (GONÇALVES, 2009, p. 236-237).

Primeiro a criança manipula o real, para depois dá nomes para aprender a escrever, a criança tem que estar bem, deve ser motivada, ter uma boa comunicação com o meio em que ela vive e ser bem orientada tanto em casa, quanto na escola. O responsável pela criança deve, junto com ela, criar possibilidades de fazer parte do mundo que ela produz e transforma tornando um ser criativo (GONÇALVES, 2009, p. 237).

Na educação psicomotora condiciona os aprendizados pré-escolares, leva a criança a tomar consciência de seu corpo, lateralidade, a situar-se no espaço, há dominar o tempo, a coordenação de seus gestos e movimentos desse modo a criança expressa suas emoções e coordenações. (BOULCH, 1992, p. 24).

É muito importante o movimento na pré-escola, pois a criança tem toda expressão corporal contribuindo para o seu desenvolvimento. O desenvolvimento tem todo controle, uma capacidade de planejar, antes de agir deve pensar primeiro. Através do movimento a

criança tem a possibilidade de utilizar os gestos de se expressar mostrando sua alegria e o prazer em brincar e participar.

As brincadeiras que envolvem o movimento. Faz com que a criança tenha o contato corporal dela com o do adulto, desta maneira, ela desenvolve suas capacidades. A criança está sempre com seu corpo em movimento, se locomove de um lado para outro, pula, corre, grita, brinca, desse modo a criança está sempre em processo de mudança e aprendizagem.

3.5.2 A relação existente entre a psicomotricidade e a aprendizagem

A psicomotricidade e o desenvolvimento do corpo e a ação corporal tendo a comunicação da criança e o mundo. Faz com que a criança brinque, aprenda e cresça. Dessa forma, a criança usa o corpo como meio de aprendizagem. Ela é a ciência que estuda o indivíduo por meios de movimentos e tem toda uma realização nos vários aspectos que são os aspectos motores, afetivos e cognitivos.

Wallon (2005, p. 215), *apud* Gonçalves (2009, p. 22-23):

O gosto que a criança toma pelas coisas pode avaliar -se pelo desejo e pelo poder que tem de manejá-las, de modificar, de transformá-las. Destruir ou construir são as tarefas que ela se atribui incessantemente. Assim, exploram os pormenores das coisas, as suas relações, os seus diversos recursos.

A criança cresce, desenvolve suas habilidades, aprende novas funções e contribui para um mundo de explorações e conhecimento. Desse modo, a criança toma consciência de seu corpo e adquire a coordenação de seus gestos e movimentos.

Quando a criança começa o percurso do andar ao escrever, ela adquire várias experiências, utiliza o corpo como uma comunicação com o mundo passando por meio de atividades que facilitam a aprendizagem (GONÇALVES, 2009 p. 25).

A criança apresenta uma estimulação educacional que envolve o corpo como forma de explorar, relacionar, perceber, criar, brincar, imaginar tudo isso, faz com que a criança aprenda. Através do brincar a criança pode desenvolver melhor sua aprendizagem e outras atividades (GONÇALVES, 2009, p. 25).

Fonseca (2004, p.131), *apud* Gonçalves (2009, p. 27) cita que:

É por meio da atividade motora que a criança vai construindo um mundo mental cada vez mais complexo, não apenas em conteúdo, nas também em estrutura. O mundo mental da criança devida as ações e interações com o mundo natural e social acaba por apresentar essas realidades por meio de sensações e imagens dentro de seu corpo e de cérebro [...].

Com relação às atividades motoras, é muito importante para a criança, adquirir conhecimento e a aprendizagem que a favoreça o contato com o objeto e com o meio, ela estabelece comunicação através de gestos e ações. Antes da linguagem, são as ações motoras que determinam as ações mentais da criança (GONÇALVES, 2009 p. 27).

De acordo com Gonçalves (2009), através das atividades motoras a criança reproduz os movimentos que já são conhecidos e experimentados. A maneira em que se colocam formas diferentes e novas para executar o movimento já conhecido, a criança se vê desorganizada na qual o sistema cerebral é ativado, dessa forma busca na cognição, na emoção e no aparato motor, uma forma de perceber, decodificar e executar um novo movimento. Quando mais colocar a criança em situações para que busque soluções e consiga o resultado desejado, mais colocará o seu cérebro em funcionamento assim contribui para o desenvolvimento da inteligência, e a organização motora e emocional encontrando a criatividade e ação.

Gonçalves (2009) define que, a partir das experiências sensório motores a criança formula imagens e sensações que ficam gravadas na memória que favorece sua comunicação com o meio em que faz parte. Por meio do contato com o mundo é que a criança sente cada vez mais a necessidade de se estabelecer como parte dele, é assim, busca comunicação afetiva com o mesmo. Desse modo surge à linguagem, a criança cria o conceito das imagens e chega à palavra.

Gonçalves (2009, p. 47):

A criança deve ter a possibilidade de experimentar seu corpo para que conheça seu limite, para que perceba esse corpo como ocupante de um espaço único. A noção de corpo traz a consciência do ser como vivendo e pertencendo a um meio particular. A criança com uma boa noção de corpo executa suas ações aproximando – se nos segmentos corporais, atribuindo a cada um deles a sua porcentagem de responsabilidade por um movimento bem executado. A criança precisa viver os conceitos de limite, espaço, capacidade e desejo, em seu corpo, para depois ser capaz de transferir esses conceitos para fora dele. O corpo deve ser a primeira referencia para que a criança possa decifrar o universo das imagens e dos símbolos falados e escritos.

A criança precisa ter a sensação do seu desenvolvimento, é necessário deixá-la reproduzir, aprender, interpretar, construir executando a ação. Quando a criança executa seu corpo está em movimento.

Segundo Gonçalves (2009), de três a cinco anos a criança entra no universo das aprendizagens, são conduzidas pela representação mental, que são os frutos realizados em momentos anteriores. É muito importante que a criança seja bem estimulada a vencer os

desafios. Entre as atividades realizadas pela criança está sempre à imitação, o modelo, a referência e a significação. Desse modo, apropria dos gestos e da fala do outro tornando seus. Segundo Fonseca (2008, p. 34), *apud* Gonçalves (2009, p. 99) copiar, assimilar e reproduzir modelos passam a serem manifestações novas na criança, consciente de sua nova pessoa, desejosa de ampliar as suas competências.

Toda aprendizagem que acontece é apoiada no desenvolvimento e na estrutura do sujeito, pois para aprender a criança precisa desenvolver funcional, cortical, emocional e afetivamente. Com relação a esses aspectos, eles são sustentados pelo desejo de aprender, pode-se dizer que sem ele não aconteceria a aprendizagem. (GONÇALVES, 2009).

É necessário que desde bem cedo, a criança seja colocada em situações que ela viva experiências, tenha o conhecimento proporcionando a ela um contato com o mundo, assim ela terá uma capacitação ao seu redor transformando toda experiência em aprendizagem (GONÇALVES 2009, p. 99).

3.6 O Educador e o Lúdico e a Importância da Intervenção Pedagógica

O educador deve promover formas, para que a criança possa aproveitar a infância, para poder explorar sua criatividade, pois a natureza infantil é muito preciosa e importante.

O lúdico não pode ser visto apenas como uma diversão, ele é um facilitador da aprendizagem, tem um processo de conhecimento, comunicação, construção e socialização. O lúdico é muito importante na educação, deve ser usado como recurso pedagógico. O educador recorre e usa as atividades lúdicas para o processo ensino e aprendizagem. Na educação infantil, o educador deve educar e compreender a criança para ser um facilitador da aprendizagem (ALMEIDA, 1998).

O trabalho com o lúdico é muito importante para aprendizagem e o desenvolvimento do qual a criança tem uma grande evolução.

Almeida (1998, p. 31) cita que:

A educação lúdica integra uma teoria profunda e uma prática. Seus objetivos, além de explicar as relações múltiplas do ser humano em seu contexto histórico, social, cultural e psicológico enfatizam a libertação das relações pessoais passivas, técnicas para as relações criadoras, inteligentes, socializadoras, fazendo do ato de educar um compromisso consciente intencional, de esforço, sem perder o caráter de prazer, de satisfação individual e modificador da sociedade.

O lúdico em si tem uma conduta importante, pois o lúdico educa, socializa, faz com que o professor e a escola façam parte da vida da criança e assim interaja com ela tendo uma relação de aprendizagem e conhecimento.

De acordo com Almeida (1998, p. 13):

A educação lúdica esta distante da concepção ingênua de passatempo, brincadeira vulgar, diversão superficial. Ela é uma ação inerente na criança no adolescente, no jovem e no adulto e aparece sempre como uma forma transacional em direção a algum conhecimento que se redefine na elaboração constante do pensamento individual em permutações com o pensamento coletivo.

O trabalho com o lúdico faz com que a criança desenvolva suas habilidades e inteligência, ele transmite o conhecimento tendo um longo percurso de desenvolvimento. Através dele o professor desenvolve várias técnicas para trabalhar na escola com as crianças.

Almeida (1998, p.14) define que:

Educar ludicamente tem um significado muito profundo e está presente em todos os segmentos da vida. Por exemplo, uma criança que joga bolinha de gude ou brinca de boneca com seus companheiros não está simplesmente brincando e se divertindo, está desenvolvendo e operando inúmeras funções cognitivas e sociais, ocorre o mesmo com uma mãe que acaricia e se entretém a criança, com um professor que se relaciona bem com seus alunos ou mesmo com um cientista que prepara prazerosamente sua tese ou teoria. Eles educam ludicamente, pois combinam e integram a mobilização das relações funcionais ao prazer de interiorizar o conhecimento e a expressão de felicidade que se manifesta na interação com os semelhantes.

Educar com o lúdico significa desenvolver, aprender trabalhando com atividades em grupo, se relacionando e interagindo com o próximo, sendo amigo e companheiro.

Para Sabini (2010, p. 66-67), geralmente as atividades lúdicas da criança de dois aos seis anos de idade, é predominando a fantasia no qual ela representa papéis. Tem também toda uma expressão de sentimentos. Pela atividade lúdica a criança revela a distribuição do poder pela família, o tipo da disciplina que é imposta pelos pais e professores, o humor e carinho que os adultos demonstram por ela. É por volta dos quatro anos de idade é que aparecem os companheiros imaginários da criança, assim ela constrói infinitos amigos, cria um mundo que para ela existe.

Almeida (1998, p. 63) afirma que:

O sentido real, verdadeiro funcional da educação lúdica estará garantido, se o educador estiver preparado para realizá-lo. Nada será feito se ele não tiver um profundo conhecimento sobre os fundamentos essenciais da educação lúdica, condições suficientes para socializar o conhecimento e predisposição para levar isso adiante.

O educador em uma escola deve ter o total conhecimento e disposição para trabalhar o lúdico com as crianças, sendo assim ela brinca de uma forma correta aprendendo e explorando seus eixos.

Pode-se dizer que quando a criança gosta do professor, ela também gosta do que ele ensina e fica cada vez mais esforçada para não decepcioná-lo, é quando ela sente que é amada, respeitada pelo professor e a escola se fortalece cada vez mais (ALMEIDA 1998, P.64).

Almeida (1998, p. 57), contribui afirmando que a educação lúdica contribui e influencia na formação da criança, possibilitando um crescimento saudável, uma riqueza permanente, integrando na prática democrática, investindo em uma produção de conhecimentos.

A prática exige a participação franca, criativa, livre e crítica, interagindo socialmente, tendo compromisso de transformação e se modificando cada vez mais.

Quando o professor trabalha o lúdico com as crianças, faz com que elas trabalhem em grupos, troquem idéias, participem e desenvolvam o pensamento, a inteligência e linguagem, tendo um melhor raciocínio; assim a criança explora seus meios, evolui sua coordenação e obtém novas descobertas (ALMEIDA, 1998, p. 57).

CONCLUSÃO

Concluimos que a educação é muito importante na vida do ser humano, pois está presente em todas as fases do desenvolvimento. A criança aprende a primeira educação com sua família e esse processo civilizatório inicial é de suma importância para o seu desenvolvimento social e afetivo.

Quando falamos de crianças de quatro anos na educação infantil, é bom pensarmos no processo histórico da educação informal, isto é, no núcleo familiar que vem a primeira educação, a socialização, o respeito e o afeto dando ensinamento para a sobrevivência e aquisição de cultura social e familiar.

Em contato com o âmbito escola, passa aprender de forma sistemática conhecimentos que completaram a bagagem trazida da educação informal, e de acordo com os autores estudados a maneira mais adequada de envolver a criança nessa aprendizagem é a maneira lúdica de ensinar.

A educação formal é oferecida pela escola e ficou evidente que a transmissão afetiva constituída pelo amor e a atenção, realizadas no seio da família, passa agora a ganhar o complemento do âmbito da educação infantil. Regras, costumes e atitudes desenvolvidas mediante as atividades realizadas na educação infantil, têm o intuito de desenvolver subsídios para a continuidade da vida pessoal e escolar da criança. É evidenciado que as socializações com outras pessoas e o desenvolvimento de habilidades cognitivas e motoras são fundamentais.

A preocupação com essa modalidade educacional fica evidente ao estudarmos os embasamentos legais da educação infantil. E que é de suma importância o conhecimento destinado á educação infantil nos documentos legais tais como a LDB, que são normas á serem cumpridas no âmbito municipal, estadual, nacional e o ECA, proteção que crianças e adolescentes tem, se sofrerem algum tipo de maus tratos tanto na instituição familiar quanto na instituição escolar.

Os referenciais curriculares para a educação infantil são também importantes para o desenvolvimento das ações pedagógicas destinadas a educação de quatro anos, pois apresentam toda a organização para o desenvolvimento contendo os cinco eixos da educação linguagem, matemática, artes, natureza e sociedade e por último movimento.

Ficou evidente, mediante aos autores estudados, que Na educação infantil a criança passa pelo desenvolvimento humano, no qual atravessa vários estágios diferentes vivenciando e aprendendo com o caminhar de sua vida, desse modo cada educando tem o período de tempo certo para desenvolver suas habilidades por isso ela deve receber muito carinho, amor e compreensão, tanto pela família quanto pela escola, seja estimulada para praticar suas tarefas.

Mediante a leitura sobre as teorias do desenvolvimento do autor Piaget, conclui-se que existe uma sequência de atitudes que o âmbito que acolhe os indivíduos em desenvolvimento necessita. E nessa idade a criança precisa brincar e aprender e a prática da forma lúdica de ensinar é a mais adequada.

Quanto ao educador da educação infantil o estudo realizado apontam que este profissional tem que ter competências específicas, fazer da sala um ambiente harmonioso, também ter comportamento ético, transmitindo para a criança segurança tratando a todos com igualdade.

Para tanto, evidenciou-se que os profissionais que trabalham com alunos de quatro anos devem ter pleno domínio do processo anterior que a crianças passaram em seu desenvolvimento nato, os estímulos educacionais que devem receber aos quatros anos de idade para prepará-los para os anos seguintes da escolarização e do desenvolvimento social.

Outro fato que a pesquisa apresenta é que o lúdico só era visto como importante nas aulas de Educação Física, não tinha valor nenhum. E no tempo de Platão, as crianças tinham que se ocupar com jogos educativos, porque para ele se aprende brincando.

Desenvolveu-se essa pesquisa com o intuito de mostrar o valor que a família, a instituição de educação infantil e o trabalho pedagógico cunhado no lúdico têm conjuntamente a oferecer para o desenvolvimento integral do educando de quatro anos; a construção de uma educação de aprendizado significativo, direcionado á aquisição da autonomia e o prazer de aprender brincando.

Acreditamos, e demonstramos mediante as teorias analisadas, que a família é a principal base de desenvolvimento inicial na vida da criança e a escola é continuação desse processo longo de conhecimento e aprendizagem.

Mostramos através da organização dos assuntos explicitados nesta pesquisa que o lúdico para a educação infantil é o meio mais prático de ensinar uma criança que aprende brincando e socializando com outras pessoas ao seu redor.

A presente pesquisa, ainda, objetiva ser útil a novos estudos sobre o assunto, contribuindo para o enriquecimento do âmbito escolar destinado a desenvolver habilidades a serem utilizadas pelo educador no contexto pessoal e social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. Educação infantil no Brasil: Legislação, Matrículas, Financiamento e Desafios. Consultora Legislativa da Área XV..., Brasília – DF. Agosto 2004. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/documentos-e-pesquisa/.../2004_10128.pdf>

Acesso em: 12/02/12.

ALMEIDA, P. N. Educação Lúdica: Técnicas e jogos pedagógicos, edições Loyola, São Paulo, Brasil, 9ª edição: agosto de 1998.

ALMEIDA, P. N. Educação Lúdica: Técnicas e jogos pedagógicos, edições Loyola, São Paulo, Brasil, 10ª edição: agosto de 2000.

ARANHA, M. L. A. Filosofia da educação, 2º edição: revista e ampliada, São Paulo: moderna, 1996a.

_____, M. L. A. História da educação, 2º edição: revista e ampliada, São Paulo: moderna, 1996b.

BRASIL. Ministério da Educação. LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, 6. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 25/10/ 2011. 43 p. – (Série Legislação; n. 64) disponível em: <[http://lbd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/lbd_6ed.pdf?...>](http://lbd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/lbd_6ed.pdf?...)

Acesso em: 12/02/12.

BRASIL. Ministério da Educação. Referencial curricular nacional para a educação infantil: introdução, Brasília: MEC/SEF, 1998a.

Disponível em: < http://www.portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf.> Acesso em: 12/02/12.

_____. Ministério da Educação. Referencial curricular nacional para a educação infantil: formação pessoal e social. Brasília: MEC/SEF, 1998b.

Disponível em: <http://www.portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol2.pdf>. Acessado em: 12/02/12.

_____. Ministério da Educação. Referencial curricular nacional para a educação infantil: formação pessoal e social. Brasília: MEC/SEF, 1998c.

Disponível em: <http://www.portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol3.pdf>. Acessado em: 12/02/12.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis á educação. Brasília: MEC, SEB, 32 p, 2006. Disponível em: <http://www.portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/educinf/eduinfpolit_2006.pdf> Acesso em: 18/03/12.

_____. Subsídios para credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil. Brasília: 1998a. Disponível em: <http://www.slideshare.net/.../subsídios-para-credenciamento-...> - Estados Unidos. Acesso em/ 21/02/12.

_____. Estatuto da criança e do adolescente. Lei nº8.069, de 13 de junho de 1990. Disponível em: <www.amperj.org.br/store/legislacao/codigos/eca_L8069.pdf> Acesso em: 12/02/12.

BRANDÃO, C. R. O que é educação? São Paulo: Brasiliense, 1995.

BEE, H. A criança em desenvolvimento, 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M.L.T. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: 13. ed. Editora Saraiva, 1999.

BOULCH, L. O desenvolvimento psicomotor: do nascimento aos 6 anos. Trad. Por Ana Guardiola Brizolara. Porto alegre, artes médicas, 7. Ed.1992.

CAMPOS, M. M; Rosemberg, F.; Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças. – 6. ed. Brasília: MEC, SEB, 2009.

Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br/dmdocuments/direitosfundamentais.pdf>> Acesso em: 15/03/12.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, Brasília – 2010, p. 47. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/.../con1988/CON1988_05.10.1988/CON1988_p>. Acessado em: 23/03/12.

COLL, C.; PALACIOS, J.; ARCHESI, Á. (org.) Desenvolvimento psicológico e educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. (org.) Educação Infantil: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. Compreendendo o desenvolvimento motor bebês, crianças, adolescentes e adultos. 3. ed. São Paulo: Phorte editora, 2005.

GONÇALVES, F. Do andar ao escrever: um caminho psicomotor. 1. ed. São Paulo, Editora cultural RBL LTDA, 2009.

KISHIMOTO, T. M. (org.) Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

KRUPPA, S. M. P. Sociologia da educação, São Paulo: Cortez, 1994

PALANGANA, I. C. Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância do social. São Paulo: Summus editorial, 4º. ed., 2001.

SABINI, M. A. C. Psicologia do desenvolvimento, 2. Ed. São Paulo. Ática, 2010.

VIGOTSKI, L. S. A Formação Social da Mente. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

